Nº 528
De 2 a 23 de novembro de 2016
Ano 19

R$2 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU

OCUPE SUA ESCOLA

Ocupações de escolas crescem e enfrentam repressão

Universidades públicas também foram ocupadas contra a reforma do ensino e a PEC 241. Temer aposta na repressão pra acabar com movimento.

Páginas 6 e 7

ELEIÇÕES

"Voto em ninguém" venceu de novo

A insatisfação com os políticos, o PT e todo o sistema se expressou novamente no segundo turno das eleições. Página 11

TRAGÉDIA DE MARIANA

Um ano de impunidade do crime da Samarco

Povo trabalhador paga o pato por tragédia, enquanto mineradoras ficam impunes pelos crimes que cometeram. Páginas 4 e 5

25 DE NOVEMBRO

É HORA DE DAR O TROCO!

É hora de derrotar a PEC 241 as reformas da Previdência, trabalhista e a reforma do ensino médio. Vamos construir uma greve geral

Páginas 8 e 9

ESPECIAL

páginadois

CHARGE

Falou Besteira

“Se não tem emprego, quem sabe arrumam emprego”

Temer, pedindo a empresários em tom de deboche que eles contratassem manifestantes que protestavam contra a reforma trabalhista (27/10/2016, Jornal Extra)

CAÇA-PALAVRAS

Personagens da Revolução Russa

C	Z	A	R	N	I	C	O	L	A	I	Z	Y	K
Í	Y	Q	E	Ú	Z	T	D	F	B	Í	Ò	H	Q
K	Á	H	L	Ò	Z	I	N	O	V	I	E	V	C
E	Q	A	Q	N	K	A	N	L	É	Ó	Ú	B	É
R	Ò	K	Z	Á	P	G	Í	Ò	T	I	X	É	Y
E	É	L	É	K	É	Ã	F	N	É	T	H	Y	M
N	Ü	N	U	Á	Ò	L	U	G	Õ	S	O	P	Ê
S	W	Á	Ó	Â	M	E	E	R	Ó	T	S	Ê	Ê
K	Õ	J	N	N	Z	N	F	Ó	X	R	É	R	N
Y	R	Q	X	L	P	I	N	B	Ô	O	N	J	O
A	E	N	J	J	Ú	N	S	F	D	T	C	É	F
R	A	Í	Ç	Â	S	X	Ô	E	R	S	Í	M	O
X	E	T	Á	U	Í	H	Ç	Ô	M	K	O	Ô	Ú
B	E	E	Ó	É	Z	À	B	Í	Ò	Y	O	G	W
D	N	Ó	R	I	C	I	Ò	K	G	Ò	B	M	B
É	Õ	Õ	P	Ç	M	G	G	Ã	O	B	Ê	O	L
N	K	O	R	N	I	L	O	V	U	D	A	A	Ê
B	À	Á	Ô	E	À	Q	Z	Ó	F	G	P	Ã	P

RESPOSTA: Lenin, Trotsky, Kerensky, Zinoviev, Kornilov, Czar Nicolai

O discurso de Ana Júlia

No vídeo que circula na internet e já chega a quase 4 milhões de visualizações, Ana Júlia Ribeiro, estudante secundarista, faz um discurso que comove o país

Ana Júlia Ribeiro, estudante secundarista de 16 anos, deu uma aula na Assembleia Legislativa do Paraná. A jovem subiu à tribuna pra defender as ocupações das escolas públicas contra a PEC 241 e contra a reforma do ensino médio. Seu discurso foi doce, emocionante e contundente. *“A PEC 241 é outra afronta, inclusive para a Constituição cidadã de 1988. É uma afronta à Previdência, à saúde, à educação e à assistência social. Não podemos deixar isso acontecer e cruzar os braços”*, disse Ana Júlia. *“É um insulto a nós, que estamos nos dedicando, sermos chamados de doutrinados. É um insulto aos estudantes e aos professores”*, disse emocionada. *“Nós estamos na escola e não somos vagabundos como dizem aqui. Estamos lutando por um ideal, porque acreditamos nele”*, disse. O clima ficou tenso quando a jovem citou o episódio em que o estudante Lucas Eduardo foi encontrado morto na Escola Estadual Santa Felicidade, em Curitiba, no dia 26 de outubro. *“Os que estão aqui representam o Estado, e os convido a olhar as mãos de vocês. Elas estão sujas com o sangue do Lucas”*, declarou. Nesse momento, o presidente da Casa, Ademar Traiano (PSDB), interrompeu o discurso e ameaçou suspender a sessão. *“Aqui você não pode agredir os parlamentares”*, disse. *“Peço desculpas, mas o ECA* (Estatuto da Criança e do Adolescente) *diz que a responsabilidade pelos adolescentes é da sociedade, da família e do Estado”*, respondeu Ana Júlia, sendo bastante aplaudida por parte do plenário.

A Síria é aqui

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública do Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgou, no dia 28 de outubro, os registros de mortes violentas de 2011 a 2015. No total, foram 278.839 ocorrências de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenção policial no Brasil nestes cinco anos. Só para comparar, esse número é superior às 256.124 mortes violetas na Síria, entre março de 2011 e dezembro de 2015 segundo dados do Observatório de Direitos Humanos da Síria. De acordo com o anuário, a cada dia em 2015, pelo menos nove pessoas foram mortas por policiais no Brasil, resultando num total de 3.345 pessoas no ano passado. A crise social que se aprofunda tende a elevar ainda mais essa macabra estatística, uma vez que a violência e a profunda desigualdade social brasileira encontram-se na raiz da violência social.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 / Atividade Principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb 14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor Bud

IMPRESSÃO Mar Mar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

 opiniao@pstu.org.br

 Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista
São Paulo (SP) – CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

NACIONAL
Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ - Rua 13 de Maio, 75, Poço em frente ao Sesc) pstual.blogspot.com

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499

AMAZONAS
MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha CEP 69065100

BAHIA
SALVADOR - Rua General Labatut, 98, primeiro andar. Bairro Barris pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI - Rua Padre Paulo Tonucci 777 -BB Lj -08 - Nova Vitória CEP 42849-999

CEARÁ
FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056
JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br

GOIÁS
GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753

MARANHÃO
SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Rua Brasilândia, n. 581 Bairro Tiradentes (67) 3331.3075/9998.2916

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE - Rua dos Goitacazes, 103, sala 1604 - Centro. CEP: 30190-910 (31) 3870-1817 - Fax: (31) 3879-4929 pstubh@gmail.com
BETIM - (31) 9986.9560
CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724
CONGONHAS - Avenida Magalhães Pinto, 26A, Centro. CEP: 36415-00 e-mail: pstuinconfidentes@gmail.com
ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647
JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 ao lado do Hemominas pstu16juizdefora@gmail.com
MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.
S. JOÃO DEL REI - Rua Dr Jorge Bolcherville, 117 A - Matosinhos. Tel (32) 88494097 pstusjdr@yahoo.com.br
UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629|
UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ
BELÉM Centro - Travessa 9 de janeiro, n. 1800, bairro Cremação (entre Av. Gentil Bittencourt e Av. Conselheiro Furtado)

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368.

PARANÁ
CURITIBA - Rua Ébano Pereira, 164, Sala 22, Edifício Santo Antônio Centro - CEP 80410-240
MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9856-5034

PERNAMBUCO
RECIFE -Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410 www.pstupe.org.br

PIAUÍ
TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 155 - Lapa. (21) 2232.9458 rio.pstu.org.br
MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.
CAMPOS - Av. 28 de Março, 612, Centro. www.camposrj.pstu.org.br
DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.
NITERÓI - Av. Amaral Peixoto, 55 Sala 1001 - Centro.
NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151
NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira
NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro
VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 9.9864-7972 pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL - Rua Princesa Isabel, 749 Cidade Alta - Natal - RN 84 2020.1290 http://www.psturn.org.br/ pstupotiguar@gmail.com
SEDE NOVA NATAL - Av. dos Caboclinhos, 1068. Conjunto Nova Natal - Natal - RN
GABINETE VEREADORA AMANDA GURGEL - Câmara Municipal do Natal Rua Jundiaí, 546, Tirol, Natal (84) 3232.9430 / (84) 9916.3914 www.amandagurgel.com.br
MOSSORÓ - Rua Filgueira Filho, 52 Alto de São Manoel

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 Portinho, 243 (51) 3024.3486/3024.3409 pstugaucho.blogspot.com
GRAVATAÍ - Av. José Loureiro Silva, 1520, Sala 313 - Centro. (51)9364.2463
PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722
SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831
CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO
SÃO PAULO
ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080
ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170
ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893
BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com
CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672
GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484
RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Odeon, 19 – Centro (atrás do terminal Ferrazópolis) (11) 4317-4216
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (17) 9.8145.2910 pstu.sjriopreto@gmail.com
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845
SUZANO - Rua Manoel de Azevedo, 162 Centro. (11)9.7188-5452 / (11) 4743-1365 suzno@pstu.org.br

SERGIPE
ARACAJU - Rua Propriá, 479 – Centro Tel. (79) 3251 3530 CEP: 49.010-020

Nossa luta é na rua

Renan Calheiros, presidente do Senado, anunciou em plenário a chegada da PEC 241 aprovada pela Câmara, que vai tramitar no Senado como PEC 55. A votação em primeiro turno está prevista para 28 de novembro e, em segundo turno, no dia 13 de dezembro.

Essa PEC representa um enorme ataque aos direitos dos trabalhadores e da juventude ao congelar os gastos públicos pelos próximos 20 anos. Além disso, está em discussão no Congresso a PL 257, encaminhada por Dilma, a reforma do ensino médio e estão sendo preparadas as reformas da Previdência e trabalhista.

Os trabalhadores e a juventude não aceitam pagar pela crise e podem impedir esses ataques. Está na hora de construir a greve geral como propõe a CSP-Conlutas.

A disposição de luta é grande, basta vermos as ocupações de escolas e inúmeras mobilizações que ocorrem por todo o país.

Também as eleições demonstraram uma enorme insatisfação com os políticos, com o PT e com todo o sistema político através do alto índice de abstenções, votos nulos e brancos. Mas é preciso canalizar essa insatisfação expressa nas urnas para a luta para que esse protesto não se perca.

Nossa luta é nas ruas, nas fábricas, nas escolas, nas greves, na construção da greve geral. Esse é o terreno dos trabalhadores, das verdadeiras transformações sociais.

Os prefeitos eleitos se beneficiaram da queda da votação com o alto índice do "voto em ninguém" e do voto castigo ao PT, mas terão de enfrentar o povo trabalhador para aplicar um programa que os levaram romper com o PT.

É preciso se apoiar nessa disposição de luta, mas também canalizar a insatisfação expressa nas urnas para fazer avançar a organização e a unificação das lutas rumo à greve geral para barrar as reformas.

Vamos unir toda a classe trabalhadora na Jornada de Lutas convocada pelas centrais sindicais e construir um grande Dia Nacional de Paralisação em 25 de novembro para derrotar a reforma da Previdência, a trabalhista, a PEC e defender nossos direitos, emprego, saúde, educação e moradia.

A centrais sindicais têm de colocar toda sua força a serviço da mobilização e da organização dos trabalhadores. É preciso lutar, é possível vencer. Para isso, não se pode vacilar, o momento é de unidade e luta.

Nesse processo, é muito importante avançar, também, a construção de uma alternativa operária e socialista que apresente um programa e uma saída dos trabalhadores à crise. É preciso avançar a construção de novos organismos dos trabalhadores, como os Conselhos Populares, que organizem a luta dos de baixo e criem alternativas a esse sistema e regime que só servem a banqueiros e grandes empresários.

A luta dos trabalhadores e da juventude está apenas começando.

Opinião

Paulo Barela, da CSP-Conlutas

FUNCIONALISMO PÚBLICO

STF quer impedir onda de greves

O Supremo Tribunal Federal tomou uma das decisões mais arbitrárias da história dessa corte. Intrometeu-se em matéria legislativa e antecipou uma regulamentação na lei de greve dos servidores públicos, decretando, previamente a qualquer movimento grevista, o desconto dos dias parados.

Segundo a Constituição, seria o Congresso Nacional que teria autoridade para legislar sobre essa medida ainda não regulamentada. Mas as palavras de Luiz Fux, ministro do STF, explicam bem a pressa do supremo: *"Na situação atual do Brasil muitas greves virão. Nós estamos aqui para evitar que o Brasil pare"*. Ou seja, o STF está atuando politicamente no sentido de sustentar as medidas do governo federal com o firme propósito de reprimir o ascenso de lutas que vive o país neste momento.

Não resta dúvida de que a decisão tem caráter preventivo e busca coibir os processos de mobilização do funcionalismo, que já estão em curso com a greve dos técnicos administrativos das Universidades Federais. Mas também não é novidade. Já fizeram isso em outros momentos, mas não conseguiram aplacar os ânimos aguerridos de quem tem a firmeza justa de seu direito de lutar. Não vai ser agora!

Recentemente, tivemos os dias de lutas, em 16 de agosto, 22 e 29 de setembro, 24 e 25 de outubro, a insurreição grevista dos bancários atravessando o processo eleitoral, os enfrentamentos metalúrgicos contra as demissões, a rebeldia juvenil dos secundaristas e suas ocupações contra a reforma do ensino, o Escola Sem Partido e a PEC 241. E ainda há os que falam de uma suposta onda conservadora no país. Basta abrir os olhos para a realidade e ver o ascenso da classe trabalhadora que não vai pagar pela crise.

A nossa resposta só poderá ser dada nas ruas, e o calendário de lutas está aí. Avancemos na construção dos dias 11 e 25 de novembro rumo à greve geral para derrotar os ajustes fiscais, as contrarreformas, derrotar decisões como essa do STF e por para fora Temer e todos eles!

ATÉ QUANDO?

Um ano de impunidade

JERÔNIMO CASTRO
DE MARIANA (MG)

Passado um ano do criminoso rompimento da Barragem de Fundão, na mina de Germano, da empresa Samarco, pouca coisa foi feita em toda a região atingida. O empreendimento era realizado pela Samarco em conjunto com a BHP Billiton, a maior mineradora do mundo, e a Vale, a segunda maior.

Após a comoção causada e a repercussão internacional, lentamente as empresas e os setores do Estado ligados à mineração foram tomando conta do processo e, como sempre, descarregando nas costas dos trabalhadores e da população todas as consequências do crime que eles cometeram.

A Samarco, por conta da comoção pública causada por sua irresponsabilidade, se viu obrigada a alugar casas para os moradores de Bento Rodrigues, distrito de Mariana (MG). A partir daí, todos os prazos que a empresa se comprometeu para reconstruir um novo Bento Rodrigues foram descumpridos. Hoje, a promessa é entregar as 600 casas para os moradores em 2018.

Tão desrespeitoso quanto isso é o fato de a empresa, finalmente, alcançar um de seus objetivos: o de fazer uma barragem de contenção sobre o que antes foi o distrito de Bento Rodrigues.

Por anos, a Samarco propôs aos moradores daquela localidade que eles vendessem seus lotes para que a região fosse usada para este fim. Sempre teve sua proposta negada. Agora, com a tragédia, a empresa conseguiu seu objetivo, e já tramita a autorização nos órgãos fiscalizadores.

RIO MORTO

O Rio Doce continua morto. Serão necessárias décadas para sua recuperação. Pescadores, famílias camponesas e pequenos agricultores perderam seu sustento. A presença de metais pesados, como chumbo e alumínio, contamina o abastecimento de cidades e a agricultura. Até agora, a mineradora nada fez para reverter a situação.

Além disso, passado um ano do desastre, ninguém foi punido, e a empresa recorreu das multas irrisórias a que foi condenada. A recente notícia de que 26 executivos da Samarco responderão criminalmente pelo acidente é uma resposta tardia a um fato conhecido de todos: o de que a empresa não cumpriu os requisitos técnicos para a construção da Barragem do Fundão e lançou na mesma uma quantidade de rejeitos muito superior ao declarado.

Avalanche de lama destruiu boa parte do distrito de Bento Rodrigues; o carro no telhado do que restou de uma casa mostra a violência com que a lama chegou à cidade

TRABALHADORES DA SAMARCO

Mais de dois mil foram demitidos depois do acidente

FOTO: Leo Fontes

Não foram só os moradores de Bento Rodrigues que arcaram com as consequências do crime da Samarco. Mais de dois mil trabalhadores terceirizados foram demitidos nos três meses subsequentes ao rompimento da barragem. No início de 2016, a empresa fez um acordo de *lay-off* com o sindicato que representava os trabalhadores da empresa, em que se comprometeu a garantir estabilidade por mais três meses após o fim do acordo. A Samarco simplesmente não cumpriu o acordo. Preferiu pagar uma multa e abrir um processo de demissão vountária (PDV) que levou outros 700 trabalhadores, desta vez da própria empresa, a perderem o emprego.

Tudo isso foi feito sob as barbas do Ministério do Trabalho e com sua conivência. A fiscalização do ministério concluiu que havia razão para a interdição da empresa por razões de segurança no trabalho. Porém isso não foi feito sob a alegação de que a empresa já estava embargada por razões ambientais. O embargo ou interdição da empresa por razões de segurança no trabalho garantiria a estabilidade no emprego, como mínimo a todos os trabalhadores diretos, pelo período da interdição. Contudo, o mesmo não ocorre no caso da interdição por problemas ambientais.

do crime da Samarco

DILEMA

O que fazer com a mineração no Brasil

O acidente da Samarco gerou três tipos de reações distintas entre a população e os setores de esquerda, em especial sobre o que se deveria fazer.

Um setor importante daqueles que militam no setor de mineração, em especial nos movimentos sociais mais ligados a ONGs e de setores populares, como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Atingidos pela Mineração (MAM) e Atingidos pela Vale, aprofundaram seu discurso antimineração.

Não é uma posição exclusiva do Brasil. No Peru, no Chile e no Equador, como mínimo, existe um amplo movimento que defende que as grandes mineradoras, os chamados mega-projetos, devem ser proibidos em nome da preservação da natureza e de se impedir acidentes como o que ocorreu em Mariana.

No polo oposto, uma parcela razoável do movimento sindical da Vale, e junto com ele a prefeitura de Mariana e, num primeiro momento, o governo do Estado de Minas, defenderam que a Samarco também era vítima e deveria continuar funcionando a qualquer preço para defender os empregos da região e garantir a renda oriunda da mineração e, consequentemente, o funcionamento da prefeitura e do comércio local.

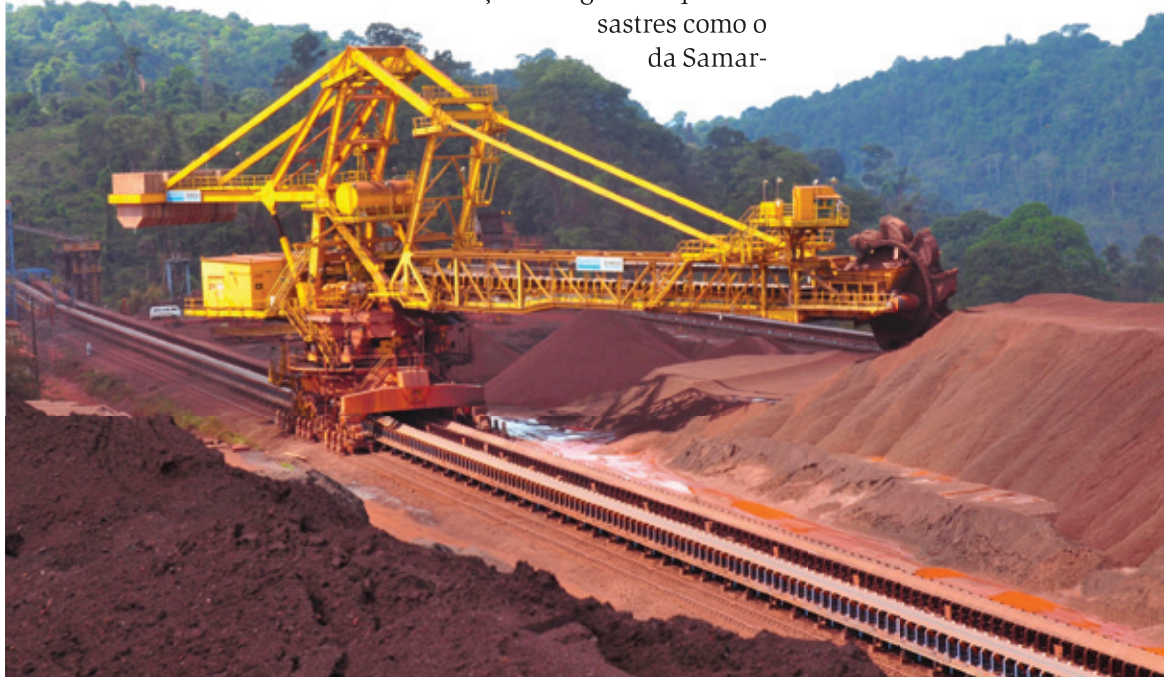
No entanto, depois que a Samarco atacou os trabalhadores, o sindicato foi obrigado a reconhecer que a empresa era culpada, mas defendendia que ela voltasse a funcionar para garantir emprego e renda para os trabalhadores.

O grande problema dessas posições é que elas ignoram os interesses dos trabalhadores.

Por um lado, defender hoje o fim de todos os projeto minerais significa jogar milhares de trabalhadores numa situação de penúria, pobreza e desemprego.

Por outro lado, defender a volta do funcionamento da empresa e a continuidade do funcionamento da Vale nas atuais condições é ignorar que desastres como o da Samarco podem voltar a acontecer, ceifando vidas e destruído cidades, poluindo rios e solos.

Nós defendemos que, na atual situação, é impossível que os grandes projetos mineradores sejam paralisados. Se fossem, os trabalhadores e a população mais pobre das cidades mineradoras seriam os principais atingidos. A mineração, como é praticada no Brasil e em boa parte do mundo, é extremamente poluente e predatória.

A tragédia em Mariana ocorreu porque as mineradoras só estão interessadas em lucrar e, por isso, não realizam manutenção das barragens, burlam medidas de segurança e utilizam técnicas mais baratas para extração do minério, o que causa enormes problemas ambientais. Não é verdade, porém, que esta é a única forma de minerar. É possível empregar outros métodos mais seguros e com menos impactos ambientais que preservem a vida dos trabalhadores.

SAÍDA

PUNIR RESPONSÁVEIS E ESTATIZAR MINERAÇÃO

PUNIÇÃO EXEMPLAR

Punição exemplar – Em primeiro lugar, é preciso punir todos os responsáveis pela Samarco e seus sócios da Vale e da BHP, sejam altos executivos, sejam altos funcionários responsáveis pela fiscalização. Tem de ser garantido, também, o ressarcimento e a indenização a todas as vítimas (moradores do Bento Rodrigues e das comunidades e cidades atingidas pela destruição e trabalhadores que foram demitidos).

READMISSÃO E DIREITOS

É necessário exigir que todos os trabalhadores, diretos e terceirizados, sejam readmitidos, tenham seus direitos reconhecidos retroativamente, desde a data do acidente, e tenham estabilidade no trabalho até que a empresa volte a funcionar.

FISCALIZAÇÃO PELOS TRABALHADORES

É necessário que as grandes minas tenham comissões de trabalhadores eleitos com poder para exercer o direito de recusa coletiva toda vez que constatarem que uma operação põe em risco os funcionários. Também defendemos que as comunidades diretamente atingidas pela mineração tenham o direto de opinar sobre o funcionamento das empresas mineradoras.

ESTATIZAÇÃO

O desastre deixou claro que os altos executivos da Samarco não têm a menor condição de administrar qualquer tipo de projeto de mineração. Sua sede por lucros resulta na diminuição dos custos de produção (infraestrutura, segurança, contratação e qualificação da mão de obra). Por isso, defendemos a imediata estatização da mina de Germano.

Para impedir novas tragédias, também defendemos a estatização de todo o sistema de mineração do país. É preciso lembrar que a mineração brasileira foi privatizada nos anos 1990 a preço de banana num dos negócios mais fraudulentos da história. A estatização da Samarco e a reestatização das empresas de mineração (Vale e CSN) sob controle dos trabalhadores, ou seja, com os trabalhadores decidindo sobre o ritmo e a forma de trabalho e com as comunidades afetadas participando e opinando, é a única forma de garantir que crimes como estes nunca mais voltem a acontecer.

OCUPE SUA ESCOLA!

Ocupa tudo pra fazer greve geral!

Quem defende a educação é quem ocupa, não quem quer cortar gastos das áreas sociais por 20 anos

ISRAEL LUZ E JULIO ANSELMO, DA JUVENTUDE DO PSTU

A primeira impressão é que quase não faltam mais escolas e universidades a serem tomadas no país. Obviamente isso não é assim. Mas a força da luta dos estudantes é mesmo impressionante. Vivemos a maior mobilização nacional do movimento estudantil dos últimos 25 anos.

OS SECUNDAS TOMAM A FRENTE

A primeira onda de ocupações de escolas, no final de 2015, ocorreu em Goiás e em em São Paulo, onde a luta foi contra o projeto de reorganização escolar de Geraldo Alckmin (PSDB). Na prática, a proposta era fechar escolas para cortar gastos e, assim, fazer o ajuste fiscal. O secretário da educação caiu, e o governo foi derrotado.

Já no primeiro semestre de 2016, a luta migrou para outros estados. Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Ceará foram os destaques. Neste segundo momento, o movimento também enfrentou os ataques dos governos do PSDB, do PMDB e do PT e, como antes, os secundaristas puseram contra a parede toda essa turma.

À frente da luta, se destacam mulheres, negros, negras e LGBTs, muitas vezes moradores das periferias, que estão cansados de não serem ouvidos pelos políticos.

O BRASIL OCUPADO

Desta vez, o Paraná está no centro das atenções. Das 1.197 escolas e institutos federais ocupados no país, 843 escolas estaduais e cinco institutos federais são paranaenses, além da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O movimento é mais amplo do que antes. Para se ter uma ideia, entre os 26 estados brasileiros, existem notícias de ocupações em 21. É de se notar, ainda, que a luta não se restringe aos grandes centros urbanos e capitais. Além disso, junto às escolas estaduais, entraram na luta os estudantes dos institutos federais, e há 123 universidades com ocupações de prédios.

A radicalização nas formas de luta e as ocupações de universidades e escolas questionam quem controla essas instituições: estudantes e trabalhadores ou reitorias e direções, quase sempre correias de transmissão direta dos interesses dos governos.

COMO SEMPRE...

Governos respondem com repressão

Os poderosos, pau-mandados dos ricos não querem resolver os problemas que afligem estudantes, trabalhadores da educação e suas famílias. Temer e Mendonça Bezerra Filho, ministro da Educação, e a imprensa fingem que não ocorre nada nas escolas e nas universidades do país.

O Ministério da Educação soltou uma nota afirmando que o Enem seria cancelado caso as ocupações não acabassem. É uma tentativa de por a população contra a luta. Mas a responsabilidade pela realização da prova é do governo, não dos estudantes. Quem defende a educação é quem ocupa, não quem quer cortar gastos das áreas sociais por 20 anos.

GOVERNADOR PLAYBOY CHAMA SUA TURMA

Nos estados, cresce o número de casos de repressão aos lutadores. Beto Richa (PSDB), governador playboy do Paraná, tem atacado as ocupações e tentou até utilizar a lamentável morte de um garoto numa escola para atacar o movimento. Além de usar o Judiciário e a PM, o tucano ganhou o apoio dos seus amigos playboys do Movimento Brasil Livre (MBL), que têm usado violência para tentar desocupar escolas. Para eles é assim: defender a educação pública não pode, mas ameaçar estudantes adolescentes, tudo bem. Contudo, a política do medo não surtiu o efeito esperado e as ocupações continuam.

SP: NEM TIRO, PORRADA E BOMBA DISPERSAM A LUTA

Existem notícias, em outros lugares, de perseguição policial aos secundas. Em São Paulo, a PM já desocupou várias escolas sem mandado de reintegração de posse, algo ilegal. Há poucos dias, até uma roda de debate sobre a reforma do ensino médio e a PEC 241, na Zona Oeste da cidade, foi dispersada pela PM. Isso não tira dos estudantes a disposição de lutar, mas aponta a necessidade urgente de o movimento discutir formas de autodefesa.

TUDO OCUPADO

Mapa das ocupações

NORTE

TOCANTINS – 2
PARÁ – 3
RONDÔNIA – 2

NORDESTE

PERNAMBUCO – 5
ALAGOAS – 9
RIO GRANDE DO NORTE – 12
MARANHÃO – 5
CEARÁ – 5
SERGIPE – 1
BAHIA – 9

SUDESTE

RIO DE JANEIRO – 6
ESPÍRITO SANTO – 17
SÃO PAULO – 7
MINAS GERAIS – 69

SUL

SANTA CATARINA – 6
PARANÁ – 850
RIO GRANDE DO SUL – 14

COMO FORTALECER AS OCUPAÇÕES?

Em novembro, unir estudantes e trabalhadores

Se nossos inimigos nos atacam em conjunto, nossa resposta também precisa ser unificada. As mobilizações da juventude estudantil precisam ser parte da luta dos trabalhadores e trabalhadoras para que não sejamos nós que paguemos a crise dos capitalistas.

Nenhum desses governos nos representa! Apenas os que constroem nosso país com seu trabalho podem dar uma saída real para essa situação.

As ocupações e lutas estudantis devem estar a serviço de construir a greve geral com metalúrgicos, funcionalismo público, movimentos de moradia e pela terra. Para isso, a luta pelo direito à educação precisa se unificar com as greves e paralisações da classe trabalhadora nos dias 11 e 25 de novembro.

Neste mês, também acontecerão as Marchas da Periferia. É fundamental unificar as lutas estudantis com a de todos os jovens da periferia.

FOTO: Leandro Taques/ Jornalistas Livres

É NÓIS!

Comitê da Brasilândia

Na Brasilândia, zona Norte de São Paulo, foi criado o Comitê contra a PEC e a Reforma, com objetivo de mobilizar a juventude e a comunidade do bairro. O Comitê está organizando ações de conscientização sobre essas medidas, com panfletagens e debates nas escolas, além de manifestações regionais para fortalecer a luta na cidade. Já na segunda reunião, estiveram presentes estudantes de seis escolas, além de moradores do bairro. Foi discutida a situação da luta em São Paulo e no país, e a importância de se organizar contra essas medidas.

Outro tema alertado pelos estudantes foi a repressão policial e a perseguição das Diretorias de Ensino que têm aumentado nas escolas, inclusive com ameaças de punição aos secundaristas e professores que lutam. Diversas tentativas de ocupação na cidade acabaram com estudantes presos em menos de 24 horas, devido à postura totalmente autoritária do governo de Geraldo Alckmin e de sua polícia. Por isso, precisamos estar bem organizados para enfrentar os governos. No dia 18 de outubro, dia de luta contra a reforma, foram paralisadas as aulas em três escolas da região, e os alunos fizeram uma manifestação na Avenida Paulista. A tarefa agora é realizar debates e assembleias dentro das escolas para explicar o que é a PEC 241 e a reforma do ensino médio e como essas medidas nos afetam. É hora de fortalecer nossa organização e expandir a luta, principalmente na periferia das grandes cidades.

Curta: Brasilândia Contra a Reforma

NA REAL

UBES e UNE não falam em nome do movimento

O papel dos governos já conhecemos. O lamentável é que dentro do movimento haja quem esteja disposto a fazer negociações com eles contra os interesses do movimento. Nos dois estados com maior número de ocupações, Paraná e Minas Gerais, a UBES e a UNE resolveram negociar a desocupação de escolas. Isso é um absurdo!

Nos anos de governos federais do PT, essas entidades sempre preferiram apoiar quem estava no poder em vez de lutar com os estudantes. Por isso, a Juventude do PSTU e milhares de estudantes no Brasil todo construíram a Associação Nacional de Estudantes – Livre (ANEL).

> Nos dois estados com maior número de ocupações, Paraná e Minas Gerais, a UBES e a UNE resolveram negociar a desocupação de escolas

Hoje, a turma da UNE e da UBES se colocam como oposição a Temer, mas continuam sem merecer nossa confiança. Não é hora de recuar: nossos presente e futuro estão em jogo.

OCUPAÇÕES LÁ FORA

A nossa luta é no mundo todo

A crise capitalista puxa para baixo o nível de vida dos trabalhadores no mundo todo, em especial das mulheres, negros, nacionalidades oprimidas e LGBTs. Segue causando profunda insatisfação com os governos. Não poderia ser diferente: todos seguem a mesma receita de Temer.

Assim, os cortes de investimento na educação estão longe de ser problema nacional. Paraguai, Chile, Argentina, Espanha África do Sul, entre outros países, são exemplos onde recentemente os estudantes vêm ocupando escolas, faculdades e fazendo protestos.

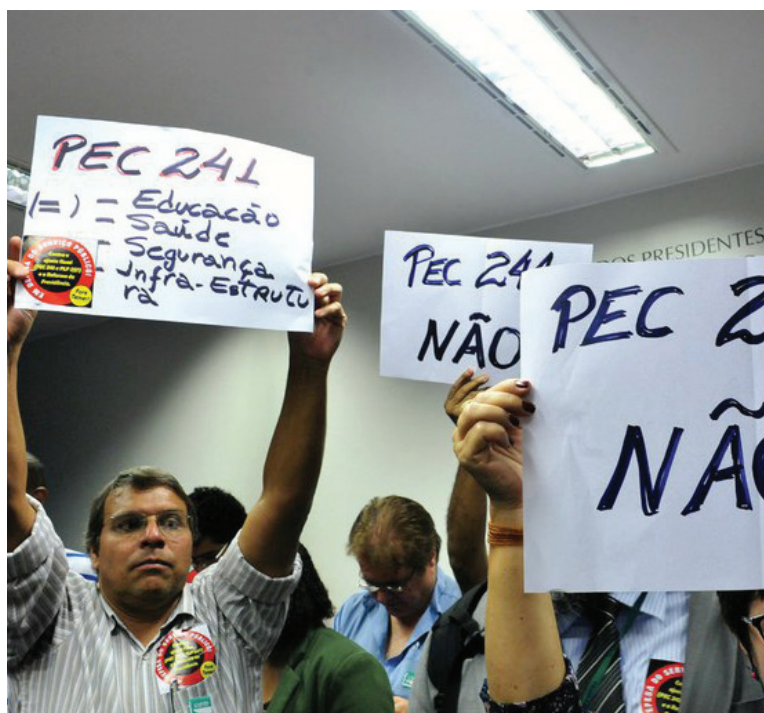
25 DE NOVEMBRO

Jornada de lutas culmina em grande

DA REDAÇÃO

Enquanto fechávamos esta edição, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241 acabava de ser aprovada na Câmara e chegava ao Senado com o nome de PEC 55. Essa é aquela medida que congela os gastos públicos por 20 anos, o que na prática significa uma redução geral nos salários, do salário mínimo às aposentadorias, além de bilhões a menos para Saúde e Educação.

Eles dizem que essa PEC serve para conter os gastos públicos, mas, na verdade, é uma medida para jogar a crise nas costas dos trabalhadores e proteger os lucros dos banqueiros e dos patrões. Por quê? Você acaba com as regras que definem hoje o reajuste do salário mínimo e o quanto é gasto com Saúde e Educação, deixa os gastos no patamar que é hoje, justo no momento em que vivemos um dos piores ajustes fiscais da história. Assim, sobra mais para pagar juros da dívida aos banqueiros.

A própria Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) emitiu nota em que afirma: "*Para o capital mundial, esta PEC é tudo o que ele gostaria de ver aprovado. Os Bancos, que já ganharam muito nos últimos anos, vão ganhar ainda mais*".

PREVIDÊNCIA E DIREITOS NA MIRA

Ao mesmo tempo, o governo engatilha a reforma da Previdência e pretende enviar ainda este mês ao Congresso. Entre as propostas, estão idade mínima de 65 anos para se aposentar, podendo chegar a 70, acaba com o fim da diferença entre homens e mulheres e, agora, estão falando até em cobrar contribuição previdenciária dos aposentados. Isso mesmo, você contribui a vida inteira para receber de volta quando se aposentar e o governo quer que você continue pagando.

Para piorar, a reforma trabalhista também avança tanto em Brasília quanto no Judiciário. Essa reforma fará com que o negociado prevaleça sobre o legislado. O que isso significa? Em determinada negociação entre patrões e empregados, que a gente sabe muito bem como acontece na maioria das vezes, com os pelegos à frente ou simplesmente fraudada, os patrões podem acabar com direitos básicos, como o 13º e férias, entre outros direitos.

PÉS DE BARRO

Um governo ainda frágil, mas com um objetivo em comum

Estes ataques são um verdadeiro pacote de maldades contra a classe trabalhadora. Por hora, o resultado das eleições deu certo fôlego ao governo e maior unidade à sua base no Congresso, mas essa crise está muito longe de terminar.

O governo Temer não tem lastro social, ou seja, não tem o reconhecimento da maioria do povo e dos trabalhadores. Pelo contrário, enfrenta um rechaço generalizado a tal ponto que Temer não pode sair na rua e precisa até mesmo votar escondido para fugir dos protestos. As novas denúncias da Lava Jato e as delações que se preparam podem botar esse governo a pique a qualquer momento. Daí a pressa na aprovação dessas medidas.

Mas essa aparente calmaria não deve durar muito. Essas mesmas as eleições mostraram o profundo desgaste e rechaço aos políticos. Nas principais capitais, o "ninguém" ganhou, ou seja, as abstenções e os votos nulos e brancos. As lutas não diminuíram, e a resistência cresce a cada dia. Se a classe trabalhadora entra em luta de forma unificada, essa crise reabre com toda a força e esse pacote de maldade vai para o buraco.

FALTA AS CENTRAIS SINDICAIS

Trabalhadores estão fazendo a sua parte

Disposição de luta é o que não falta aos trabalhadores. Os bancários acabaram de realizar uma das maiores greves de sua história. Em 22 de setembro, houve um forte dia de paralisação da educação básica e dos servidores públicos. Já os metalúrgicos realizaram um dia de paralisação no dia 29 de setembro, quando ao menos 600 mil operários de todo o país cruzaram os braços, um fato inédito. Os operários da Hitachi de São José dos Campos (SP) acabaram de fazer uma greve em que enfrentaram até a polícia e conquistaram uma importante vitória. Os petroleiros da Frente Nacional dos Petroleiros (FNP), por sua vez, fizeram uma caravana de greve, paralisando várias unidades na construção de uma paralisação de todo o setor.

Os servidores públicos, que devem ser os primeiros a sentirem os efeitos da PEC 241, não estão intimidados com o recente ataque do Supremo Tribunal Federal de determinar o corte nos pontos em caso de greve. A Fasubra (técnicos administrativos das instituições federais) está em greve desde o dia 28 de outubro. Já o Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (Sinasefe) realiza plenária no dia 5 de novembro e tem indicativo de greve a partir do dia 7. O colégio Pedro II, principal base do setor, já está parado desde o dia 24. Os estudantes secundaristas dão uma grande lição ocupando escolas e universidades.

O Andes-SN, sindicato dos docentes do ensino superior, acabou de fazer uma reunião com o setor das federais e indicou um processo de unificação da educação federal. *"Esses processos todos estão avançando para algo mais amplo, cuja tendência é desembocar numa greve geral dos servidores"*, opina Paulo Barela, da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

JORNADA DE LUTAS

As principais centrais sindicais aprovaram uma jornada de lutas, entre 11 e 25 de novembro, contra as reformas da Previdência e trabalhista, a PEC 241 (agora PEC 55) e a reforma do ensino médio.

No dia 25, haverá um forte dia de lutas e greves envolvendo metalúrgicos, químicos, petroleiros, operários da construção civil, rodoviários, além de estudantes e do movimento popular, apontando, de fato, para uma unificação rumo à greve geral.

Entre 4 e 25, ocorre ainda a Marcha da Periferia em todo o país. O dia 20 de novembro é o Dia da Consciência Negra, e o dia 25, Dia Latino-americano de Luta contra a Violência à Mulher. Essas lutas se combinam com a luta da nossa classe contra as reformas e devem ser incorporadas por todos os trabalhadores.

dia de greves e manifestações

NÃO VAMOS PAGAR NADA

Que os ricos paguem pela crise

PEC 241, reforma da Previdência e trabalhista. Esse é o programa dos ricos para a crise: reduzir seu salário, retirar seus direitos e acabar com a sua aposentadoria. Tudo para manter os lucros dos banqueiros, que já ficam com 42% de tudo o que é arrecadado, e os lucros dos patrões. Esse é o programa que Dilma vinha aplicando e que Temer deu sequência.

Precisamos de um programa dos trabalhadores que faça com que os ricos paguem pela crise que eles mesmos criaram. Um programa que, primeiro, proíba as demissões. Só no ano que vem, os empresários vão receber mais de R$ 224 bilhões em subsídios e isenções. E mesmo com esse "bolsa empresário" ainda demitem! É preciso acabar com isso, proibir as demissões e estatizar as empresas que insistirem em demitir, colocando-as sob controle dos trabalhadores.

Depois, reduzir a jornada de trabalho, sem reduzir salários ou direitos. Os patrões já lucram horrores e ainda querem que tenhamos menos direitos, fazendo com que trabalhemos até 12 horas por dia. É preciso o contrário: reduzir a jornada para abrir mais postos de trabalho, reduzindo o desemprego e jogando essa conta para os patrões.

Precisamos de um plano de obras públicas para gerar empregos e acabar com o déficit habitacional, fazer avançar obras que o povo precisa, como saneamento, saúde e educação.

Temos, ainda, de proibir a remessa de lucros das multinacionais para fora do Brasil. Elas se enriquecem com o nosso trabalho e mandam tudo para suas matrizes, deixando aqui só miséria e desemprego.

Temos de parar de pagar essa dívida aos banqueiros, que é uma agiotagem sem fim e que retira dinheiro da Saúde, da Educação e demais áreas para os bolsos de meia dúzia de banqueiros internacionais. Essa é a razão primeira da PEC e das reformas.

Precisamos, por fim, de um governo socialista dos trabalhadores. Um governo em que nós, que produzimos as riquezas desse país, possamos de fato governar, baseado não nesse Congresso corrupto, mas em conselhos populares nos bairros, fábricas, escolas etc.

PRA ONTEM

Precisamos de uma greve geral

Na reunião em que foi definida a jornada de lutas, as direções das grandes centrais sindicais, infelizmente, não tiveram acordo com o chamado da CSP-Conlutas de construir, desde já, uma greve geral que parasse todo o país contra a PEC e as reformas de Temer. Disseram que não haveria ainda condições para isso.

A realidade, porém, mostra que uma greve geral não só necessária, como é possível. Os trabalhadores demonstram grande disposição de luta, marcando o último período com fortes greves e mobilizações. Os estudantes secundaristas ocupam escolas e enfrentam a polícia contra a PEC e a reforma do ensino médio.

Vamos fazer uma grande Jornada de lutas que termine no dia 25 com um forte dia de greves e paralisações que parem o país e para pressionar as centrais para construírem de fato uma greve geral.

CALENDÁRIO DE

NOVEMBRO

DIA 11
Dia nacional de lutas, protestos e mobilizações

DIA 20
Marcha da Periferia – Mobilizações contra a violência e o genocídio da juventude

DIA 25
Dia nacional de protestos, paralisações e greves. Além das mobilizações contra a PEC e as reformas, esse dia também se unifica à luta contra a violência à mulher.

OPINIÃO SOCIALISTA

RAÇA e CLASSE

AQUILOMBAR PARA REPARAR

"Entre eles, tudo que é produzido é distribuído de acordo com o trabalho e a necessidade de cada um."

Este relato, feito por um capitão do mato infiltrado no Quilombo dos Palmares em 1694, revela o grande temor da elite da época: a possibilidade de construção de uma sociedade que era o oposto do mundo colonial. Liberdade no lugar da escravidão. Distribuição de riquezas ao invés do latifúndio e do monopólio.

Para nós do PSTU, essa é a principal lição deixada por Zumbi, Dandara e seus quilombolas: o fim do racismo passa, obrigatoriamente, pelo confronto direto com sistema que lucra com a opressão. A mesma lição dada por João Cândido quando bombardeou o governo federal na luta contra a chibata; por Luiza Mahin e os malês; pelos Balaios e Cabanos; pelos Lanceiros Negros; por Toussaint L'Overturne e Sanite Belair na Revolução Haitiana.

Hoje, no Brasil, o povo negro está encerrando sua experiência com o PT e seu governo de conciliação de classes. Está voltando suas costas tanto para a casa grande quanto para seus capatazes e, ao mesmo tempo, colocando em xeque o mito da democracia racial, fundamental para alimentar as ilusões na democracia burguesa.

Isso nos obriga a discutir os métodos e os aliados que podemos ter para erguer novos quilombos. Acreditamos que para acabar com a herança maldita deixada por 380 anos de escravidão e pela diáspora africana é preciso retomar a luta por reparações históricas.

Não por reparações individuais ou migalhas de um sistema que já está podre. Queremos liberdade, igualdade plena, saúde, moradia, transporte e educação de qualidade. Queremos o fim do genocídio e da violência contra mulheres e LGBTs negras.

Para travarmos essa luta, já temos nossos protagonistas. São as mulheres negras que têm estado à frente de mobilizações país afora. São os jovens que estão se organizando nas periferias, ocupando escolas e resgatando o orgulho de nossa negritude, cultura e tradições.

Por isso, *"aquilombar pra reparar"* é o grito de guerra que faremos ecoar nas Marchas da Periferia neste Novembro Negro. Um grito pela organização e pela luta de negros e negras ao lado de seus verdadeiros aliados, os oprimidos e explorados.

JUVENTUDE

Quem tem direito à juventude no Brasil?

Considerações sobre o extermínio da juventude negra

ROSENVERCK E. SANTOS
MOVIMENTO NACIONAL QUILOMBO RAÇA E CLASSE*

Daqui a 23 minutos um jovem negro será assassinado no Brasil. É isso que consta no relatório da CPI do Senado sobre o assassinato de jovens apresentado em 2016. No decorrer do ano, serão mortos mais de 23 mil jovens negros, entre 15 e 29 anos, pois essa é a média anual do extermínio em nosso país. Esse número é quatro vezes maior do que a taxa entre jovens brancos e reflete um padrão: 53% das vítimas são jovens; destes, 77%, negros, e 93% do sexo masculino.

Esse genocídio não é novo. O Mapa da Violência, que analisou dados entre 2002 e 2012, caracteriza que há uma *"crescente seletividade social"* em relação aos assassinatos: enquanto o número de mortes entre os brancos diminuiu, passando de 19.846, em 2002, para 14.928, em 2012, as vítimas negras aumentaram de 29.656 para 41.127 no mesmo período.

PARA NEGROS E NEGRAS, SEQUER É POSSÍVEL SER JOVEM

Poderíamos citar milhares de dados e recortes de raça, classe, gênero, orientação sexual que só comprovariam o extermínio da juventude negra e pobre. Dados, inclusive, disponibilizados, sem nenhuma vergonha na cara, pelo próprio Ministério da Justiça dos governos do PSDB e do PT.

Isso não causa espanto para quem vive nas periferias do Brasil, onde, cotidianamente, os jovens estão sendo vitimados pela completa ausência de políticas públicas de educação, saúde, lazer, cultura e trabalho. O que nos leva à conclusão de que, no Brasil, nem todo jovem goza dos direitos e vantagens associados à juventude. A grande maioria não tem sequer o direito de ser jovem.

Algumas características do que é ser jovem foram construídas ao longo da história burguesa em torno das ideias de se ter a proteção familiar, estar incluído numa instituição educacional e, portanto, afastado do mundo do trabalho.

Para negros e negras, contudo, a história sempre foi diferente. Vivemos num país que tem uma política de extermínio da juventude negra cujas raízes estão na escravidão e há muito, principalmente desde da implementação da República, no final dos anos 1800, se apoia em teorias escravistas e capitalistas, como o discurso raciológico, que tipifica as pessoas a partir de sua raça, e eugenista, que estabelece a branquitude como padrão superior e civilizatório.

É diante de um histórico como este que devemos nos perguntar: a maior parte dos jovens negros tem a proteção familiar sem os problemas de desagregação social que vitima essas famílias? Tem inserção e permanência nas escolas? Não tem necessidade de trabalhar? Qual é o(a) jovem negro(a), filho(a) da classe trabalhadora com o privilégio quase exclusivo de se dedicar à cultura, ao lazer e ao estudo?

O PSTU entende que a juventude filha da classe trabalhadora, presente nas fileiras do movimento estudantil e moradora dos bairros periféricos e favelas – muitos ausentes da escola, mas presentes no mercado de trabalho precarizado e em movimentos de contracultura como o hip hop e os saraus – deve estar lado a lado na defesa de outro modelo de sociedade, ou seja, na construção do socialismo como garantia de uma nova concepção de juventude para si, adquirindo consciência de classe e identidade de étnico-racial.

É preciso que se rompa com o "reino da necessidade", transformando o mundo para ter garantido o direito de ser juventude. Para que negros e negras possam realmente ter sua juventude conquistada e, assim, não morram muito antes de chegarem à vida adulta, constituírem suas próprias famílias e terem os seus direitos sociais garantidos.

***Rosenverck Estrela Santos** *é graduado em História e mestre em Educação (2007) pela Universidade Federal do Maranhão, onde leciona no curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afrobrasileiros. Verck é autor, dentre outros, de* Juventude e periferia em tempos neoliberais: cultura, revolução e hip hop *e* HIP HOP Brasil: história e intervenções político-culturais.

SAÍDA

Um programa mínimo para a Juventude

- Redução da jornada dos trabalhadores jovens para que possam conciliar trabalho e estudo.

- Legalização e descriminalização das drogas, o que garantiria regulamentação, prescrição terapêutica e pesquisa científica para controle e diminuição dos malefícios sociais associados à dependência química.

- Libertação da arte e da cultura dos aparatos capitalistas por meio do acesso irrestrito.

- Sistema de cotas e ações afirmativas para a juventude negra nas universidades como luta inseparável do fim do vestibular e acesso irrestrito para entrar no ensino superior e, também, no mundo do trabalho.

- Transparência de dados sobre segurança pública e violência dos órgãos públicos; fim dos autos de resistência (termo utilizado por policiais que alegam estar se defendendo ao matar um suspeito) e fim da Polícia Militar.

- Defesa intransigente da escola pública, laica e gratuita, onde se discuta e seja eliminada a marginalização da juventude negra.

MULHERES

Mulheres negras não param de lutar

A opressão e a superexploração das mulheres e de negros faz da luta pela vida nossa força motivadora

CLAUDICÉIA DURANS
COORDENAÇÃO NACIONAL DO QUILOMBO RAÇA E CLASSE

Em 2014, ocorreu um dos fatos mais cruéis da história de violência policial do país: Cláudia Ferreira, depois de morta, foi arrastada por policiais num carro pelas ruas do Rio de Janeiro. Até hoje, os policiais estão soltos e sequer foram a julgamento. Esse é mais um exemplo lamentável de homicídios de mulheres negras e da impunidade.

O último Mapa da Violência Contra Mulheres revelou que, entre 2003 e 2013 (ou seja, durante os governos de Lula e Dilma), houve um aumento de 54% de assassinatos de mulheres negras (contra uma queda de 9,8% entre as brancas). Como também sabemos que a violência contra lésbicas e transexuais negras sempre explode de forma mais cruel.

Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen, 2000-14), o Brasil é o quinto país do mundo em população carcerária feminina. As negras são dois terços do total, sendo que 50% têm entre 18 e 29 anos, são pobres, com baixa escolarização e têm filhos para sustentar.

Além disso, num país onde 77% dos assassinatos são de jovens negros, o que significa o absurdo número de 56 mil vítimas por ano, nossas mulheres sofrem cotidianamente com a perda de seus filhos, irmãos, pais, companheiros e amigos.

MULHERES QUE HÁ MUITO SONHAM E LUTAM

As mulheres negras têm protagonizado muitas lutas recentes. Nas cidades e periferias, têm enfrentado a polícia. No campo, não param de lutar contra o latifúndio em defesa de seus territórios e quilombos. Também estão nas ocupações de escolas em defesa da educação pública de qualidade e contra o projeto Escola Sem Partido. As negras também estão nas lutas contra as desigualdades no trabalho que tentam aprisioná-las ao serviço doméstico, à terceirização, à precarização e aos trabalhos informais.

Para lutar, mulheres negras também têm construído diversas formas de organização. São coletivos, grupos de hip hop, organizações quilombolas e populares que também têm contribuído para a construção da identidade, dando visibilidade à ancestralidade na África, em que sempre tivemos papel destacado, seja na divisão social do trabalho, baseada no matriarcado, seja na preservação e no exercício das religiões de matriz afro que sempre cumpriram um importante papel de resistência para nosso povo.

Nossa história não é só de dores e sofrimentos. É uma história de guerreiras. É a história de Aqualtune, Acotirene, Dandara, Tereza de Benguela, Luiza Mahin e tantas outras.

UMA LUTA DE RAÇA, CLASSE, GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Até hoje, porém, setores dos movimentos feministas insistem em desmerecer nossa trajetória, omitindo a pluralidade no interior do movimento de mulheres, não reconhecendo a centralidade de raça e classe no debate de gênero e adotando uma orientação eurocêntrica, o que faz com que temas que nos afetam diretamente sejam invisibilizados e secundarizados.

Essa posição reflete preconceitos e é alimentada por ideologias racistas como o mito da democracia racial e a teoria do branqueamento, que identificam nosso povo como símbolo do atraso e da incapacidade. Infelizmente, isso também está presente em parte da esquerda brasileira, que se distancia da realidade, das necessidades e formas de luta e organização das mulheres negras.

Reverter isso é parte fundamental de nossas lutas. No capitalismo, já vivemos à nossa própria sorte, sendo vitimadas pelo racismo institucionalizado e por governos que se recusam a adotar políticas públicas que, de fato, criem melhores condições de vida, através da titulação de terras, políticas de erradicação de epidemia, como zika vírus, dengue, programa de emprego e renda, mais hospitais, postos de saúde, escolas, creches, transportes públicos e moradias dignas.

Para tal, contudo, é preciso a unidade entre todos os oprimidos e explorados. É preciso que brancas e brancos, homens em geral, LGBTs e demais setores dos trabalhadores e da juventude incorporem nossas pautas e demandas.

Essa é uma necessidade ainda maior nos dias de hoje. Não por acharmos que há uma avassaladora onda conservadora no país, mas porque temos certeza de que, diante da crise, o capitalismo tenta oprimir mais para explorar mais. Antes com Lula e Dilma, hoje com Temer e suas reformas que, de forma ainda mais profunda, ataca as mulheres negras. Mas temos história. E ela nos mostra que é possível resistir e avançar.

MOVIMENTO

Uma onda negra varre o país

HERTZ DIAS
SECRETARIA DE NACIONAL DE NEGROS E NEGRAS DO PSTU

Cada vez mais, estamos vendo lutas negras ganhando o país. São protestos diretamente contra o racismo; rebeliões populares, por moradia e contra a violência policial; mobilizações de terceirizados e dos mais precarizados; ocupações e resistência quilombolas; uma crescente rebeldia da juventude, de LGBTs e de mulheres negras, que explodem em lutas e num vigoroso resgate de nossa ancestralidade, cultura e história, principalmente nas periferias.

SACUDINDO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Esse fenômeno pode ajudar a definir os rumos da luta de classes em nosso país, já que são esses homens e mulheres os mais oprimidos e explorados. Um dos fatores que explica essa onda negra é a crise do mito da democracia racial. A tentativa de invisibilizar ou negar o racismo no Brasil jogava em negros e negras a culpa pelos males do capitalismo sob alegação de uma suposta inferioridade que teríamos para aproveitar as oportunidades oferecidas pelo sistema.

Essa ideologia está perdendo força. Num livro publicado em 2006, Reginald Daniel, da Universidade da Califórnia, defende que, enquanto os EUA estão importando o mito da democracia racial para tentar suavizar os seus conflitos raciais, no Brasil cresce o orgulho negro. É o que estamos lendo nas pesquisas, vendo no crescente resgate da identidade negra e escutando nas lutas e nas ruas: "Sou negro(a), sim!"

ROMPENDO COM ILUSÕES

A onda negra também tem origem na ruptura do povo negro com o PT, que criou a ilusão de que seria possível alcançar a igualdade racial sem romper com o capitalismo, mas, na prática, atuou no sentido inverso: deformou o Estatuto da Igualdade Racial, criou a Força Nacional (em 2004), militarizou dezenas de bairros negros, invadiu o Haiti, reduziu as titulações dos territórios quilombolas e, ainda, colocou Kátia Abreu, uma legítima representante dos senhores de escravos, no governo.

Tudo isso foi mergulhado em políticas neoliberais que atacaram ainda mais as condições de vida dos que já são historicamente marginalizados. O resultado não poderia ser outro. A população carcerária saltou para 715.655 presos (a terceira maior do planeta), sendo 60% negros. O Mapa da Violência revelou que, entre 2002 e 2012, cerca de 272 mil negros foram assassinados no país. A opção do PT em governar para a burguesia branca ajudou a derrubar a ideia do Brasil como paraíso da democracia racial.

De cima à baixo: manifestação dos garis cariocas logo após as Jornadas de Junho de 2013; passeata de trabalhadores do Comperj; manifestação de moradores do Pavão Pavãozinho, no Rio, em protesto contra o assassinato do dançarino DG

COM OS OPRESSORES NÃO HÁ CORDIALIDADE POSSÍVEL

Para a maioria da esquerda, o Brasil estaria mergulhado numa onda conservadora, e a consciência dos trabalhadores e da juventude teria retrocedido porque não se mobilizaram para impedir o impeachment de Dilma. Essa visão, além de vitimizar o PT, é machista e racista, já que menospreza lutas importantes que têm tido mulheres jovens e negras na vanguarda.

Pelo contrário, a ruptura com o PT, com os partidos do regime e com o mito da democracia racial é o que ajuda a explicar por que o pedreiro Amarildo se transformou no símbolo de luta contra o genocídio negro. Ou por que o Pavão Pavãozinho parou Copacabana por mais de 48 horas em protesto contra a morte do dançarino DG.

Explica, também, porque os quilombolas do Maranhão criaram o Movimento Moquibom e iniciaram a retomada de seus territórios históricos. Por que, em pleno carnaval carioca, garis negros realizaram uma greve histórica. Como também o que motivou adolescentes negros a protagonizarem os rolezinhos e, ocupando as escolas, derrotarem o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB).

QUE OS VENTOS SOPREM! QUE A ONDA AUMENTE!

Os ventos das Jornadas de Junho de 2013 continuam soprando forte nas periferias, onde a luta pela sobrevivência se choca contra dois mitos: o da democracia racial e o da democracia burguesa.

Contra tudo isso, a burguesia reage ofensivamente. Ela quer destruir nossos direitos e restabelecer o controle social sobre os mais pobres em meio a uma forte crise capitalista que já contabiliza 13 milhões de desempregados. Dilma falhou nesse propósito. Por isso, colocaram Temer em seu lugar.

Logo após as Jornadas de Junho, desengavetaram o PL da redução da maioridade penal para criminalizar nossos adolescentes. O projeto Escola sem Partido e a reforma do ensino médio também vieram à tona no calor da onda de ocupações de escolas que varreu o país. A escola é a principal instituição de reprodução do pensamento racista, machista e LGBTfóbico. Querem cortar verbas, mas manter o modelo branco, burguês, cristão e patriarcal de sociedade.

Para o PSTU, essa onda de lutas negra, feminina, LGBT, jovem e proletária que aquilomba o Brasil e questiona o regime é muito importante. É com esse sentimento que queremos construir um Novembro Negro revolucionário e classista para derrotar Temer e todos os corruptos. É para isso que vamos marchar nas periferias. Nenhum passo atrás, negrada!

ORGANIZAÇÃO

Aquilombar para reparar os crimes do capitalismo

Reunião de negros no Encontro Nacional de Trabalhadoras e Trabalhadores, da CSP-Conlutas

HERTZ DIAS E JULIO CONDAQUE,
SECRETARIA DE NACIONAL DE NEGROS E NEGRAS DO PSTU

Em 2001, foi realizada, em Durban, África do Sul, a III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas. Para a ONU e os organizadores do evento, realizar a conferência no país que havia derrotado o *apartheid* era muito simbólico: queriam dar a impressão de que o imperialismo finalmente estaria disposto a passar a lâmina na própria carne e reparar seus crimes.

Apesar de ser uma ilusão esperar algo assim de um sistema que se construiu sobre o racismo, uma esmagadora maioria das organizações dos movimentos negros não só acreditou nisso como, depois, passou a celebrar a conferência como um marco histórico na luta contra o racismo.

Contudo, na verdade, o que aconteceu foi justamente o contrário: Durban significou uma grande derrota, senão para o movimento negro institucionalizado, com certeza para o proletariado e jovens negros mundo afora.

O CAPITALISMO NÃO QUER NEM VAI REPARAR SEUS CRIMES

A política de reparações históricas já foi uma bandeira defendida por amplos setores do movimento e, inclusive, nações africanas. O princípio geral é que a escravidão, a diáspora forçada, o tráfico negreiro, o neocolonialismo, o saque e a Partilha da África (1884/85) foram crimes de Estado contra a humanidade.

Temer e sua equipe, formada exclusivamente por homens brancos

Diante do verdadeiro holocausto promovido por tudo isso, países africanos, por exemplo, exigiam a suspensão do pagamento de suas dívidas. Mundo afora, particularmente na América Latina, onde as veias e feridas abertas pelo processo de colonização continuavam sangrando, movimentos negros reivindicavam reparações sociais, com investimentos na saúde, educação, transporte, moradia etc.

Foi essa perspectiva que foi esmagada na conferência. Nada disso jamais esteve nos planos das nações europeias e imperialistas. Muitas delas, entendendo que a reivindicação por reparações poderia atingir o coração do sistema, ameaçaram se retirar da conferência caso elas fossem aprovadas. Uma chantagem que teve entre seus principais porta-vozes o Estado de Israel, que também estava sendo cobrado por seus crimes na Palestina.

Infelizmente, a maioria das delegações sucumbiu à pressão, e as reparações foram retiradas das resoluções, inclusive com o lamentável apoio da delegação brasileira, a maior da conferência e responsável pela relatoria do evento.

REPARAR OS CRIMES OU REFORMAR O SISTEMA?

A política de reparações sumiu da agenda da maioria dos movimentos, muitos deles embalados pela ideia de que é possível acabar com o racismo com reformas no sistema ou até em parceria com os herdeiros dos traficantes e escravocratas.

A defesa de reparações, no entanto, está voltando para a pauta no Brasil e em outros cantos do mundo. Muitos, como nós do PSTU, defendem que essa luta só pode ser feita com a perspectiva de ruptura com o capitalismo. Não há como fazer justiça aos jovens assassinados pelas polícias de Baltimore e Ferguson nos EUA, na Zona Leste de São Paulo, nas quebradas e comunidades do Rio, nas ruas da Europa, sem se voltar contra as instituições do Estado que os promoveram e os encobertaram.

Não há como acabar com a fome extrema, as doenças e a miséria que corroem a África sem por para correr aqueles que lucram com essa barbárie. Para que não vejamos mais milhares de imigrantes morrerem em navios que em tudo lembram os negreiros escravocratas ou sofrerem com a xenofobia, é preciso cortar as raízes do sistema que provoca os conflitos e os problemas sociais que os expulsam de suas terras. A única forma de fazer justiça por séculos de violência e abusos contra nossas mulheres e crianças é garantindo que as gerações futuras não serão submetidas a esses sofrimentos.

LUTAR, AQUILOMBAR E REPARAR

As reparações que queremos e precisamos só podem ser arrancadas no combate frontal ao capitalismo e em unidade com as mulheres, os LGBTs, os povos indígenas e quilombolas; em solidariedade com haitianos, palestinos e todos os povos em luta. E, acima de tudo, lado a lado com os trabalhadores e os movimentos estudantil, popular, sem-terra e demais setores explorados.

Por isso, hoje, 15 anos depois da Conferência de Durban, queremos resgatar a política de reparações históricas, apresentando-a como tema central das Marchas da Periferia. Mas não estaremos nas ruas somente no 20 de novembro defendendo que é preciso aquilombar para reparar.

O que precisamos é organizar negros e negras onde quer que estejam, aquilombando-os em conselhos populares que articulem e organizem não só a luta contra o racismo, mas também contra reformas antipopulares do governo Temer (PMDB) e todas as demais mazelas do capitalismo. O que precisamos é um quilombo socialista. Um governo a serviço dos trabalhadores e de todos os setores oprimidos e explorados. Só então nossa história poderá ser reparada.

IMIGRANTES

Ninguém é ilegal!

WILSON HONÓRIO DA SILVA
SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

No final de 2015, segundo as Nações Unidas, 244 milhões de pessoas estavam vivendo fora de seus países de origem, sendo que 20 milhões delas eram refugiados por perseguição política, conflitos armados, opressão ou questões humanitárias etc.). Um número que certamente está distante da realidade, dada a ilegalidade e clandestinidade que caracterizam os processos migratórios.

Esse é o maior número de pessoas deslocadas de seus lares desde a Segunda Guerra Mundial. A relação disso com o aprofundamento da crise capitalista é evidente: em 2000, eram 173 milhões; em 2005, 191 milhões; em 2010, 222 milhões.

Ainda segundo a ONU, 48% dos imigrantes são mulheres e, quanto mais pobre a região, mais jovens eles são. Do total, 65% (157 milhões de pessoas) saíram dos países que a ONU classifica como de rendimento médio ou em desenvolvimento, e a maioria (175 milhões) tem origem em regiões de maioria não branca: Ásia (104 milhões), América Latina e Caribe (37 milhões) e África (34 milhões).

Imigrantes sobre uma cerca na fronteira da Espanha

XENOFOBIA MATA

Sempre que falamos dessa situação, vem à nossa mente uma frase do psiquiatra e militante marxista Franz Fanon em *Os condenados da Terra* (1961): *"O racismo burguês ocidental com relação ao negro e ao árabe é um racismo de desprezo; é um racismo que minimiza (...) é um racismo de defesa, um racismo baseado no medo"*.

Motivados pela ganância que caracteriza o capitalismo desde sempre e pela necessidade de oprimir mais para explorar mais, a burguesia e seus representantes nos governos mundo afora têm atuado exatamente dessa forma em relação aos imigrantes. Tratam com hipocrisia e desprezo o fato de que somente este ano já tenham sido registrados 3.930 mortes ou desaparecimentos de imigrantes no Mar Mediterrâneo (em 2015, foram 3.777).

Minimizam sua responsabilidade por essa catástrofe, culpando os próprios imigrantes por suas ações desesperadas em busca da sobrevivência. E, ainda, estimulam a xenofobia (a desconfiança, medo ou antipatia por estrangeiros) para dividir os trabalhadores e a juventude, que acabam se digladiando pelos mesmos empregos e serviços, ao invés de se unirem contra o inimigo comum.

O resultado não poderia ser outro. Aqueles e aquelas que sobrevivem à travessia dos mares na Europa e aos coiotes que atravessam homens e mulheres a peso de ouro e em situações degradantes e perigosas pelas fronteiras da América Latina, da África e da Ásia, enfrentam a miséria, o desemprego, o subemprego e a violência nos países para onde migram.

A ILEGALIDADE E A HIPOCRISIA DO CAPITAL

No início desta semana, a imprensa burguesa celebrou o desmonte do acampamento de refugiados instalado em Calais, no norte da França, que era conhecido como "A Selva" em função de suas condições extremamente desumanas. O desmonte não foi acompanhado de nenhuma alternativa para os refugiados e, por isso, desde então, milhares de pessoas estão vagando pela região.

A resposta do presidente François Hollande e da prefeita de Paris Anne Hidalgo, ambos do velho e reformista Partido Socialista, foi exemplar: no dia 31 de outubro, um batalhão de choque foi usado para dispersar 2.500 homens, mulheres e crianças que dormiam ao relento nos arredores de Paris. Uma postura não muito diferente dos novos reformistas, como o Syriza, que governa a Grécia e não só mantém os campos de detenção de deportados abertos como também uma cerca de arame de 11 quilômetros protegendo suas fronteiras.

Também vale lembrar que o primeiro presidente negro dos EUA é também o que mais deportou imigrantes na história do país. Nos seus primeiros seis anos no governo, Obama expulsou mais imigrantes do que George Bush em oito anos. Foram 2,4 milhões entre 2009 e 2014. A previsão é que, até o fim de 2016, outros 3,2 milhões sejam deportados.

O aumento da crise e das restrições impostas pelos países imperialistas também têm provocado o aumento da imigração para e na América Latina. Aqui no Brasil (leia entrevista ao lado), haitianos e africanos são os exemplos mais visíveis dessa situação.

Em todos os cantos do mundo, uma hipocrisia criminosa ronda essa história. Quando precisam de mão de obra barata e menos qualificada, as restrições à imigração são relaxadas. Agora, com o aumento da crise, ao mesmo tempo em que as fronteiras se fecham, aqueles que conseguem entrar nos países são submetidos ao subemprego, ao trabalho análogo à escravidão e à toda forma de violência. Em todos os casos, a burguesia sai lucrando.

Por isso, também precisamos aquilombar o mundo. É preciso construir uma sociedade sem fronteiras físicas ou socioeconômicas. Um mundo onde a miséria, a superexploração, a opressão e a violência contra os povos sejam consideradas ilegais. E não as pessoas.

HAITI

“Juntos fazemos a diferença”

Entrevistamos Fedo Bacourt, coordenador da União Social dos Imigrantes Haitiano (USIH), entidade filiada à CSP-Conlutas, que nos falou sobre a dura vida dos imigrantes em nosso país, o racismo e a xenofobia, a ocupação iniciada pelos governos petistas, o porquê, agora, muitos haitianos estão deixando o Brasil e a necessidade dos imigrantes de se organizarem

JOÃO PEDRO MENDONÇA
SECRETARIA DE NEGROS E NEGRAS DO PSTU-SP

Quais foram os motivos para você imigrar para o Brasil?

Fedo – Cheguei ao Brasil há três anos, com a esperança de melhorar minha vida. Pensava em atuar como professor de Línguas e de História, como no Haiti, mas a única oportunidade que se abriu, como para muitos homens haitianos, foi na construção civil, como ajudante e, depois, apontador. Isso doi no coração. Além de não atuar na minha área, estou desempregado há quatro meses e até hoje não recebi meus direitos trabalhistas.

Por que você acha que os haitianos não conseguem emprego de acordo com as suas qualificações?

Quando chegamos aqui, não estávamos nessa crise que fechou muitas empresas, atingindo muitos brasileiros. No nosso caso, além de sermos estrangeiros, também somos negros. E sofremos muito com isto. O Haiti é um país negro e não convivíamos com o racismo que vemos aqui cotidianamente. Por tudo isso, muitos de nós estão deixando o Brasil.

Quais são os destinos dos haitianos que estão saindo do Brasil?

O principal destino é os Estados Unidos. Muitos retornam pro Haiti, outros vão para o Chile, Guiana Francesa ou República Dominicana. Na Guiana, há problemas em relação à documentação, porém é um país de negros e não enfrentamos o racismo que sofremos aqui. Já na Repúblicana Dominicana, mesmo havendo racismo, é possível trabalhar no turismo.

E para as mulheres haitianas, quais são os principais desafios?

No começo, o acesso à saúde era o principal problema, mas agora o desafio é conseguir emprego. Elas geralmente não falam português e acabam sendo usadas pela maioria das empresas. Trabalham ser carteira assinada e são demitidas sem receber direitos. Muitas só conseguem trabalhar nos setores de limpeza ou como ajudantes de cozinha.

O que você acha da Minustah (Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti) e da ocupação de seu país por tropas lideradas pelo Brasil desde 2004?

A Minustah é liderada pelo Brasil, mas são os Estados Unidos que realmente chefiam e tiram proveito dessa intervenção militar. É como se o governo brasileiro fosse uma marionete nas mãos dos Estados Unidos. Eles dizem que estão lá pra estabelecer a paz e dar segurança ao povo, mas ninguém viu nada disto até agora! Militares armados são pessoas preparadas para a guerra. Eles atuam para oprimir o povo, estupram nossos jovens e roubam os poucos bens do povo. Na verdade, são forças armadas para a proteção dos bens dos Estados Unidos, dos países imperialistas e de gente como Bill Clinton, George Bush e Bill Gates, que têm terras e empresas no país.

Qual a relação do drama dos haitianos, a ocupação militar e a Revolução de 1804, a primeira revolução negra triunfante do mundo?

Desde a libertação de 1804, o Haiti paga um alto preço pela sua ousadia revolucionária e pelo fato de também termos ajudado na libertação de outros países, como a Venezuela. As grandes potências não querem que o Haiti cresça. Hoje, o Haiti é dos países em piores condições na América Latina, para não dizer do mundo inteiro. Para que sejamos livres é necessário colocar os opressores pra fora do Haiti para que nós mesmos possamos decidir sobre nossos destinos. Como diz a bandeira haitiana, é preciso que o povo se una para ser livre.

Qual a sua mensagem para todos os imigrantes haitianos?

A nossa luta é bem grande, especialmente por não estarmos no nosso país e, hoje, sermos negros imigrantes. Mas não vamos desistir, pois somos seres humanos e temos que ter direitos iguais na educação, na saúde, no trabalho etc., independente do lugar e do país em que estejamos. Como também dizemos no Haiti. Juntos fazemos a diferença: *ensemble, nous faisons la différence*!

AJUDE A USIH!

Ajude os Imigrantes haitianos!

Hoje, a União Social dos Imigrantes Haitianos (USIH) conseguiu uma sede no centro de São Paulo, mas, em contrapartida, precisa reformá-la até o fim do ano. Caso contrário, poderão perdê-la e ainda arcar com custos. Eles precisam, no mínimo, de R$ 30 mil. Contribua com a campanha através da Vakinha :

https://goo.gl/Qmn9Nj

PARTIDO

Aquilombe-se: Venha para o PSTU!

WILSON HONÓRIO DA SILVA
SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

Em *Quilombos: resistência ao escravismo* (1993), Clóvis Moura nos lembra de que a quilombagem *"não foi uma manifestação esporádica de pequenos grupos de escravos marginais, desprovidos de consciência social, mas um movimento que atuou no centro do sistema nacional, e permanentemente"*.

Palmares foi o exemplo mais acabado disso. Sua resistência durante cerca de 100 anos se sustentou na organização em mocambos (núcleos de povoamento), na autodefesa e na atuação com aliados que incluíam desde soldados desertores, indígenas e portugueses empobrecidos até gente perseguida pela justiça e pela inquisição religiosa. A mesma ideia foi levada a cabo por João Cândido quando formou um comitê central para organizar a Revolta da Chibata; pelos negros e negras que, há exatos 50 anos, fundaram os Panteras Negras, apoiados na organização comunitária; pelos revolucionários haitianos ou os rebeldes Malês, os Balaios e os Cabanos.

Precisamos de um quilombo socialista

Muitos destes movimentos foram marcados pelas limitações de sua época, de seu programa ou sua perspectiva política. Contudo, todos têm algo que se mantém vivo: aquilombar sempre significou se organizar para lutar pela mudança radical do mundo, a única forma de se travar uma luta consequente contra o racismo.

Hoje, quando o capitalismo está naufragando a humanidade em sua própria podridão, essa é uma necessidade ainda maior. Negros e negras sabem disso. Por isso, estão criando novas organizações, como o "Vidas negras importam", nos EUA. Organizam-se nas periferias, nos saraus e nos movimentos hip hop, em coletivos e no interior dos movimentos popular, estudantil e sindical.

Contudo, a própria realidade impõe que avancem nossas formas de organização e métodos de luta. O capitalismo é um sistema internacional, que controla todos os aspectos da sociedade, constrói instituições para se manter no poder e, inclusive, para criar e propagar as ideologias racistas, machistas e LGBTfóbicas para dividir os trabalhadores e a juventude e garantir seus lucros e sua existência.

É diante de um inimigo como esse que precisamos construir um instrumento de luta que seja capaz de fazer frente à burguesia em todos os campos. E a história demonstra que esse instrumento só pode ser um partido revolucionário e socialista.

PROGRAMA

A Revolução será negra ou não será

Não temos dúvidas de que, hoje, existem muitos motivos para que se desconfie que qualquer partido possa cumprir esse papel. A maioria de "não-votos" (brancos, nulos e abstenções) é um reflexo disso. E bastante progressivo, na medida em significou o questionamento tanto aos partidos da casa grande quanto a seus capatazes abrigados no PT. Ninguém da esquerda pode menosprezar, também, o papel nefasto que reformistas, stalinistas e suas variantes cumpriram no que se refere ao combate ao racismo e às opressões em geral.

Nós, do PSTU, desde sempre lutamos para construir uma história diferente. Esse é o compromisso que reafirmamos no IV Encontro de Negros e Negras do partido, realizado em 2015 sob o lema *"A revolução será negra ou não será"*. Ou seja, assim como Marx, temos certeza de que os trabalhadores e os jovens brancos só poderão se dizer livres e que a revolução só será de fato vitoriosa quando nenhum negro ou negra continuar aprisionado às correntes do racismo.

É para lutar por isso que precisamos de um partido cada vez mais inserido nas periferias, proletário, negro, feminino e LGBT. Um partido que seja mais do que um refúgio para os oprimidos, mas um lugar onde possamos fazer avançar a consciência de raça e classe e alimentar a conspiração e a rebeldia permanentes contra o sistema.

Então, fica aqui o nosso convite: Aquilombe-se! Venha para o PSTU!

"Agora eu entendo como acontece a exploração"

Essa foi a conclusão de um dos participantes das Jornadas de Outubro, cujo objetivo é aproximar cada vez mais a militância do estudo sobre o socialismo e levar a teoria revolucionária para os operários e trabalhadores que moram em bairros pobres da periferia

Os finais de semana de outubro têm sido muito proveitosos para centenas de ativistas. Eles estão participando das Jornadas de Outubro, curso de formação marxista básica do PSTU, realizado em várias cidades Brasil afora. Os cursos têm empolgado os participantes, de várias idades e profissões. São operários, trabalhadores dos Correios, da educação e muitos jovens. A maioria está conhecendo o partido agora ou se aproximou há pouco tempo.

Nas Jornadas de Outubro, estão sendo discutidos conceitos importantes do marxismo revolucionário a partir da história das revoluções. Essa iniciativa inclui, além deste curso aberto para todos os militantes, a apresentação de slides explicando nossos fundamentos básicos para o ativismo que estamos incorporando agora às fileiras do partido. Não perca tempo e participe. Veja como foram os cursos em algumas cidades.

NATAL (RN)

As Jornadas começaram nos dias 22 e 23 de outubro. Participaram 53 pessoas. O primeiro módulo da formação política abordou o Manifesto do Partido Comunista e a Comuna de Paris, dois temas fundamentais para o movimento e a organização da classe trabalhadora contra o capitalismo. Os grupos interpretaram a história da Comuna de Paris, onde pela primeira vez que os operários tomaram o poder em 1871. *"Foi muito bom! Foi um dia de aprendizado. Pude compreender melhor como se dá a exploração da burguesia"*, destacou José, operário da construção civil.

"Eu acho que tem que levar esse curso para as comunidades periféricas, onde está toda a exploração toda a opressão. Principalmente para nossos jovens. Na nossa comunidade, há uma matança desordenada da classe pobre e preta e miserável. Muito bom o curso e precisamos do fortalecimento da classe operária", Silvino. Já para Aluíse, *"a militância precisa dessa junção, de uma leitura, da teoria e da prática pra mostrar e entender qual é a verdadeira função de um partido revolucionário"*.

RIO DE JANEIRO

A primeira turma foi composta por cerca de 40 militantes com muita vontade de aprender (ou reaprender) conceitos e história. Havia operários com cerca de 30 anos de militância, outros com apenas um ano e, ainda, aqueles que começaram a se reunir há apenas um mês. Operários desempregados que fazem parte do movimento SOS Emprego, que luta contra as demissões, estavam presentes. Havia também estudantes, comerciários, carteiros, bancários e professores de todo o estado do Rio de Janeiro, como Macaé, Campos, Baixada Fluminense e São Gonçalo. A segunda turma já conta com mais de 90 inscritos. Estão todos na expectativa para o segundo módulo do curso, marcado para novembro, quando se estudará a Revolução Russa.

CAPÃO REDONDO – SÃO PAULO (SP)

Reunindo operários, trabalhadores e muita gente da periferia, o curso em São Paulo também foi marcante. *"O que mais eu gostei na exposição sobre a Comuna de Paris é que os trabalhadores conseguiram se unir e derrubar a burguesia"*, explica Shirley, moradora do Grajaú. Já Sandra, liderança da ocupação Jardim da União, destacou o papel das mulheres nas revoluções. *"Aprendi muitas coisas, principalmente sobre o papel das mulheres na Comuna de Paris. Achava que as mulheres tinham participado apenas na Revolução Russa, mas descobri hoje que isso ocorreu muito antes"*, falou. Para Monique, metroviária da capital paulista, o curso tem muita relevância diante da atual conjuntura. *"Os temas são importantes e nos trazem lições que precisamos pegar como base pra nossa luta atual"*.

PARAÍBA

Em João Pessoa (PB), o curso reuniu 16 companheiros. Eram trabalhadores dos Correios, estudantes e professores. Os debates aconteceram nos grupos e nas plenárias com a turma opinando e respondendo. Nos próximos dias, uma parte do curso será realizada para outros companheiros que não puderam comparecer. *"Extremamente positiva a realização do curso porque arma a luta que temos que travar dentro deste processo da degeneração da esquerda brasileira e construir de forma massiva a unidade dos trabalhadores"*, disse Manelão, trabalhador dos Correios. *"O aprendizado que tive aqui é em prol do bem comum e a todos. Se a gente produz, a gente tem que usufruir do nosso produto"*, falou Paulo, também trabalhador dos Correios.

ELEIÇÕES 2016

“Voto em ninguém” bate recorde no segundo turno

A insatisfação das massas com os políticos, o PT e todo o sistema político se expressou novamente no segundo turno das eleições municipais.

J. FIGUEIREDO
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

Apuradas as urnas, os dados são categóricos. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), os eleitores que não compareceram às urnas no segundo turno, somados aos votos brancos e nulos, bateram recorde e totalizaram 10,7 milhões de pessoas em todo o país.

O total de abstenções foi de 7,1 milhões de eleitores (21,6% do eleitorado). Somados aos 936 mil votos brancos (4,28% dos votos) e aos 2,7 milhões de votos nulos, correspondem a 32,5% dos 32,9 milhões de eleitores aptos a votar nesta eleição.

O enorme rechaço ao PT e ao sistema político em geral, que já havia se expressado no primeiro turno, é produto, por um lado, da grande insatisfação com a crise econômica e social do país, mas, sobretudo, da profunda desilusão das massas que romperam com o PT, principalmente a partir do estelionato eleitoral de 2014, potencializado pelos escândalos de corrupção.

ELEIÇÕES X LUTAS

Onde está a onda conservadora?

Lula, Dilma, Lindberg Farias (PT), Marcelo Crivella (PRB) e Sérgio Cabral (PMDB) juntos em carreata na campanha de 2014

Evidentemente, como as eleições são o terreno da burguesia, os resultados das urnas são uma expressão distorcida da luta de classes. No caso dessas eleições, PSDB e PMDB se beneficiaram com a diminuição dos votos válidos com ampla abstenção e votos nulos e brancos e, também, de uma parcela de voto castigo ao PT. Mas ainda assim nenhum partido capitalizou o espaço do PT. Sequer o PSOL conseguiu capitalizar esse processo, apesar do aumento do número de vereadores eleitos no país.

Sem dúvida alguma, PSDB e PMDB se utilizarão de suas vitórias eleitorais para atacar mais ainda os trabalhadores e a juventude, vide a aprovação, pela Câmara dos Deputados, da PEC 241. Porém é um erro conclusões aligeiradas de setores da esquerda a partir de resultados eleitorais. Esses setores, ao se pautarem somente por resultados eleitorais, e não pela luta dos trabalhadores, tiram conclusões equivocadas. Os trabalhadores não estão derrotados, a correlação de forças se define na luta de classe e os governos eleitos são menos representativos, mais frágeis e vão ter de enfrentar as massas para aplicar um programa que as levaram a romper com o PT.

Há lutas em curso, e o nosso terreno são as ruas, as greves e as ocupações. É preciso se apoiar na insatisfação das massas, expressa nas lutas e também nas urnas, e fazer avançar a organização e a unificação das lutas rumo à greve geral para derrotar as reformas neoliberais de Temer. A mobilização é o caminho para a superação dessa democracia dos ricos, para que os trabalhadores possam vir a governar diretamente em Conselhos Populares.

A esquerda precisa tirar conclusões da derrota do PT que privilegiou as eleições, a manutenção do sistema e as alianças com a burguesia.

RIO DE JANEIRO

“Voto em ninguém” vence Marcelo Crivella

No segundo turno, o Rio de Janeiro (RJ) reafirmou a vocação de capital do “não voto” que já havia se manifestado no primeiro turno. A soma de abstenções, brancos e nulos totalizou 2.034.352 eleitores (41,53% do eleitorado) superando a votação recebida por Crivella, eleito por 1.700.030 (34,71%) votos.

Numa eleição marcada pela crise econômica e política, o Rio também refletiu o fenômeno de insatisfação com tudo o que está aí. Crivella também se beneficiou da queda de votos válidos e do voto castigo no PT.

Crivella representa os setores mais retrógrados da burguesia carioca, e sua eleição é responsabilidade também daqueles como o PT, que o nomeou como ministro da Pesca no governo Dilma.

A candidatura de Marcelo Freixo (PSOL) arregimentou um grande apoio na juventude e em setores médios da sociedade. Mas ao se aliar com o PT na defesa do mandato de Dilma e não apresentar um programa de ruptura com os empresários e o regime, não conseguiu empalmar a grande massa de descontentes e insatisfeitos com o PT e os políticos em geral.

O PSTU chamou o voto crítico em Freixo no segundo turno e cerrou fileiras para derrotar Crivella. Porém defendeu que Freixo colocasse sua campanha a serviço da construção da greve geral contra as reformas de Temer e revisse seu programa para romper com a Lei de Responsabilidade Fiscal e anular os contratos com as Organizações Sociais (OS) para garantir saúde, educação, enfim, uma prefeitura para os trabalhadores.

Ao contrário disso, às vésperas da votação da PEC 241 na Câmara dos Deputados, Freixo, lançou uma carta intitulada “Compromisso com o Rio”. O documento buscava tranquilizar o mercado ao garantir o equilíbrio fiscal e os contratos em situação regular, assim como Lula fez com a “Carta aos Brasileiros” em 2002, que levou o PT a governar para banqueiros e empresários.

O PSOL, ao apresentar um programa que não rompe com o capital e defende apenas pequenas reformas no sistema, caminha no sentido de repetir os mesmos erros do PT.

Crivella comemora a eleição; na verdade, pastor teve apenas 34,71% dos votos totais do Rio de Janeiro

DESDE CEDO

Escola de Princesas e a reprodução do machismo

FIRMINIA RODRIGUES E ÉRIKA ANDREASSY
DA SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU

Nos últimos dias, um assunto vem gerando polêmica nas redes sociais: a inauguração, em São Paulo, de uma filial da franquia Escola de Princesas. Idealizada pela professora e psicopedagoga Nathália de Mesquita, a escola se propõe a ensinar meninas de 4 a 15 anos a ter boas maneiras, práticas de como se portar no cuidado com a casa e outros valores que, segundo ela, estão sendo abandonados, incluindo o de "se guardar" para seu príncipe encantado. Ou seja, a franquia promete formar, a um custo que pode chegar a R$ 1.200 por garota, uma heroína dos contos de fadas infantis.

A escola é exclusiva para meninas, e 80% das matriculadas têm entre 6 e 8 anos. É vendida a ilusão de que, ao se tornarem adultas, terão uma vida perfeita. É fácil imaginar o que suas famílias projetam para o futuro delas: um mundo de estética, de cuidado doméstico e de espera pelo príncipe encantado. Em outras palavras, a perpetuação da futilidade feminina e do machismo escancarado, da formação de mulheres submissas que vivem para o lar e para a família.

Um dos ambientes da escola

DESSERVIÇO

Projetos como esse são um verdadeiro desserviço à luta das mulheres trabalhadoras contra o machismo. A sociedade que vivemos já impõe às mulheres trabalhadoras, desde muito cedo, a maternidade e a responsabilidade pelos cuidados da casa. Um estudo realizado com meninas entre 6 e 14 anos, nas cinco regiões do país revelou que 81,4% delas arrumam suas próprias camas contra 12,5% dos meninos.

O trabalho doméstico das meninas é mais presente na zona rural, onde 74,3% delas, nas escolas rurais, declararam limpar a casa. No meio urbano, não há dúvidas de que são sobre as meninas pobres da classe trabalhadora que recai de forma mais contundente o peso do trabalho doméstico. Nas escolas públicas, 67,6% responderam que limpam a casa. Nas escolas particulares, esse percentual cai para 46,6%. Além disso, 13,7% das meninas de 6 a 14 anos declararam que trabalham ou já trabalharam fora de casa. Entre as meninas quilombolas, esse percentual chega a 24,1%.

VIDA REAL

Não há conto de fadas

O capitalismo, que utiliza a opressão para superexplorar as mulheres trabalhadoras, nunca se preocupou de verdade com sua educação de boas maneiras nos moldes burgueses. Às crianças da família trabalhadora, mesmo que conheçam os contos de fadas, não se permite a possibilidade de viver uma vida de príncipe e princesa. Para que existam mulheres princesas, com vidas luxuosas, é necessário que haja mulheres exploradas. Essa contradição de classe não é ensinada na Escola de Princesas.

Defender esse tipo de escola é defender, na verdade, uma sociedade reprodutora do machismo, da exploração e do cerceamento das crianças de serem livres. A partir de uma perspectiva de classes, nossa preocupação é justamente outra: formar lutadoras.

As operárias, as jovens negras da periferia, as trabalhadoras em geral estão mostrando o valor da luta comum de homens e mulheres trabalhadores contra a opressão e a exploração. Assim, estão construindo outro tipo de escola, a escola da revolução!

NEM UMA A MENOS!

Argentina nas ruas contra a violência às mulheres

MARCELA SOARES,
DA SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU

No dia 19 de outubro, a Argentina se levantou contra a violência machista e o feminicídio. Foram registrados protestos em 138 cidades com paralisações de uma hora e atos de rua. O motivo foi o brutal assassinato da jovem Lucía Pérez, de 16 anos, que foi drogada e estuprada por três homens em Mar del Plata.

Manifestações de solidariedade ocorreram em vários países, como Brasil, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Chile, Peru, Panamá, Nicarágua, Guatemala, México e França. Em São Paulo, o Movimento Mulheres em Luta (MML), da CSP-Conlutas, organizou um ato em frente ao Teatro Municipal, no centro da cidade. Em todos esses países, as mulheres denunciaram o aumento da violência machista.

A crise econômica tem sido fator importante para o aumento da insegurança e da violência aos setores oprimidos. Os governos, não só não apresentam nenhuma solução como são diretamente responsáveis pelo agravamento da situação devido às medidas de ajuste que pioram as condições de vida da população. Por isso, a luta contra o machismo e a violência passa por derrotar os governos burgueses e seus ajustes.

As mulheres estão construindo greves e mobilizações, evidenciando toda disposição de luta. É preciso incorporar suas demandas às demandas gerais da classe trabalhadora. "Ni una a menos" (nem uma a menos): na Argentina, no Brasil e no mundo. Unifiquemos a classe para por fim à opressão e à exploração!

Ato na Argentina reuniu milhares de pessoas

99 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA

A revolução que mudou a história

DA REDAÇÃO

Outubro de 1917. O 2º Congresso dos Soviets está reunido em Petrogrado. Leon Trotsky, líder da Revolução Russa, descreve os delegados: *"rostos rudes, feridos pelo inverno, mãos pesadas e rachadas, dedos amarelados pelo tabaco, botões caindo, cintos frouxos e longas botas rugosas e bolorentas. A nação plebeia, pela primeira vez, enviou uma representação honesta, feita à sua própria imagem e sem retoques"*.

Os bolcheviques têm a maioria, 390 do total de 650 delegados, e vota o apoio da classe operária na luta pelo poder. Subitamente, são ouvidos os canhões da batalha decisiva no Palácio de Inverno. Era a insurreição operária que derrubava o Governo Provisório. Lenin, líder dos bolcheviques, sai de seu esconderijo e toma a palavra no congresso pela primeira vez: *"agora, passemos à edificação da ordem socialista"*.

Pela primeira vez na história, os de baixo, liderados pela classe operária e organizados nos soviets, tomavam o poder e começavam a construir um novo tipo de Estado. A liderança do Partido Bolchevique foi essencial. Sem essa direção revolucionária, não haveria a Revolução de Outubro.

Essa é a primeira lição de uma revolução que completa 99 anos. Outro ensinamento importante é que é possível que os operários tomem o poder por uma revolução. Mesmo sendo minoria na Rússia, a classe operária que tomou o poder liderou uma coalizão que abarcava setores oprimidos, principalmente camponeses. A classe operária brasileira, para chegar ao poder, terá de liderar outros setores sociais, como os camponeses e as massas desempregadas ou subempregadas.

A GRANDE TRANSFORMAÇÃO

A Revolução de Outubro também provou que uma revolução operária não só é possível como necessária para resolver os gigantescos problemas sociais gerados pelo capitalismo. A Rússia era o país mais atrasado da Europa, mas se transformou numa potência mundial que se aproximou dos níveis dos EUA em produção. Isso porque a expropriação das grandes empresas e a planificação da economia possibilitam produzir para satisfazer às necessidades da população. Sob o capitalismo, é diferente. A produção é voltada para conseguir lucros, o que resulta em superexploração, desemprego e miséria.

URSS

Um Estado diferente

A revolução aboliu o Estado capitalista, uma ditadura da burguesia (minoria) sobre os operários e oprimidos (maioria). Com a Revolução Russa, pela primeira vez na história, a ampla maioria explorada governou e participou da vida política do país. É o que chamamos de ditadura do proletariado baseado em conselhos populares de operários e camponeses (soviets em russo).

Esse novo Estado é muito mais democrático do que a democracia dos ricos de hoje. A ditadura do proletariado se baseia na substituição do Congresso burguês por uma rede de conselhos populares cujos membros são escolhidos nos locais de trabalho e moradia, com mandatos revogáveis a qualquer momento, e sua remuneração não ultrapassa o salário de um operário qualificado.

Por isso, a ditadura do proletariado, exige uma participação ativa e permanente das grandes massas na vida econômica, política e cultural do país. São os de baixo que definem os rumos da nação, bem diferente da democracia burguesa, em que o povo só é chamado a votar a cada quatro anos num bando de políticos ladrões financiados pelos capitalistas.

Membros do primeiro soviet

A CONTRARREVOLUÇÃO

Surgimento do stalinismo e fim da URSS

Com o fim da União Soviética (URSS), os capitalistas e a grande imprensa repetem à exaustão que o socialismo está morto. Temem, na verdade, que uma nova revolução possa varrê-los do poder e sacudir o mundo outra vez, como em 1917. No entanto, é preciso discutir o que levou à derrota da Revolução Russa e ao retorno do capitalismo na URSS nos anos 1980.

Após tomarem o poder, os bolcheviques tentaram exportar a revolução socialista para a Europa, mas ela foi derrotada pela reação dos capitalistas. Isso deixou a jovem República Soviética isolada, tendo de enfrentar uma invasão militar organizada pelas potências capitalistas da época.

Essa situação levou à burocratização da URSS e do Partido Bolchevique. Começou a surgir uma camada cada vez maior de funcionários oportunistas e privilegiados. Joseph Stalin se apoiou nessas camadas sociais, como seu representante, e aprofundou a burocratização. Neste momento, lançou a proposta de "socialismo num só país" como forma de assegurar os privilégios que esses setores obtinham. Outro setor do partido, encabeçado por Trotsky, começou seu combate à burocratização do partido e do Estado em defesa do programa bolchevique.

Stalin precisou implementar uma sangrenta contrarrevolução, que assassinou ou encarcerou milhares de dirigentes, quadros e militantes bolcheviques. O último dirigente da revolução assassinado por ele foi Trotsky, em 1940, em seu exílio no México. O Estado se tornou um aparato burocrático e repressivo que impedia qualquer tipo de democracia para os trabalhadores e o povo.

A burocratização da URSS foi o início de sua própria destruição. Já expulso do país, Trotsky alertava, em 1936, que ou se produzia uma nova revolução política que, mantendo as bases econômico-sociais do Estado operário, reinstalasse a classe operária no poder e impulsionasse a revolução mundial, ou a burocracia, cedo ou tarde, terminaria conduzindo à restauração capitalista. Lamentavelmente, a segunda previsão se cumpriu décadas depois, e a própria burocracia stalinista encabeçada por Gorbachev restaurou o capitalismo na URSS.

***Stalin representado como uma grande prisão**: imagem de um cartaz soviétivo que dizia "Não vamos deixar acontecer novamente"*

VENEZUELA

Mobilização operária e popular para derrubar Maduro

É preciso preparar uma greve geral independente da direita e dos patrões

DA REDAÇÃO

O povo venezuelano vive uma das maiores catástrofes de sua história. Falta de tudo no país. Não há comida para seus filhos nem medicamentos. Bairros inteiros estão sem energia e sem água, com a população convivendo com a insegurança e a violência. Essa situação questiona profundamente o governo chavista de Nicolás Maduro. É por isso que boa parte da população pede o fim do seu governo. Grandes setores da população tinham expectativa de que Maduro poderia sair da crise com a convocação de um plebiscito revogatório.

No entanto, o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) suspendeu o processo revogatório, previsto para os dias 26, 27 e 28 de outubro, para completar os 20% de assinaturas exigidas para sua realização. Esta decisão somou-se a uma série de manobras e medidas para impedir que o povo pudesse utilizar o referendo para derrubar esse governo.

Amplos setores da população tinham expectativas nessa medida e na convocação de novas eleições. Já tinham sido recolhidas as assinaturas necessárias (200 mil ou 1% da população) para dar início à primeira etapa. Faltava coletar mais 4 milhões de assinaturas (20% da população) para dar início à segunda etapa do processo, mas isso foi suspenso pela justiça eleitoral.

FOTO: Ronaldo Schemidt / AFP

REFERENDO NÃO BASTA

O povo venezuelano tem todo o direito de revogar o mandato de Maduro. Seja por meio de referendo, seja pela luta direta. Ninguém deve apoiar um governo que condena o povo à miséria e à fome. Por isso, é preciso repudiar todas as manobras e resoluções, tanto do Supremo Tribunal quanto da CNE para evitar o referendo revogatório.

Frente a essa situação, a Mesa Unidade Democrática (MUD), frente que reúne vários partidos da direita venezuelana e que tem maioria na Assembleia Nacional, chamou uma greve geral para dia 28 de outubro. Apesar das graves carências enfretandas pela população, esse protesto só pedia a manutenção do referendo. Além disso, a paralisação foi muito fraca, e uma nova marcha foi convocada para 3 de novembro.

Embora o referendo seja um direito democrático, a medida não é uma solução para os problemas do povo. Com uma possível saída de Maduro, os partidos da MUD, em seu eventual governo, abandonariam suas promessas de campanha para aplicar o mesmo plano de ajuste econômico que jogou milhões na miséria. É por isso que o MUD só fala em referendo e se cala sobre enfrentar as políticas de ajuste que só causam miséria e fome na maioria do povo. Na verdade, em meio à crise social e política, setores burgueses reunidos do MUD querem apenas tirar proveito da situação para tomar o governo e se apropriar da renda petroleira.

"Aqui não há uma luta entre a 'direita fascista e um governo revolucionário socialista', como dizem os chavistas. Nem há uma disputa entre 'a democracia e a ditadura' como diz o MUD e os partidos de direita. A grande luta é pela renda do petróleo e a enorme riqueza natural que o governo Maduro está entregando às multinacionais com os acordos do Arco Minero del Orinoco", explica a Unidade Socialista dos Trabalhadores (UST), organização ligada à Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) na Venezuela.

VAI CAIR

Trabalhadores devem liderar a luta para derrubar Maduro com uma greve geral

Os trabalhadores não podem simplesmente assistir à luta entre Maduro e o MUD frente à polarização e à crise venezuelana. Dessa luta entre dois setores capitalistas, nada sairá de bom para aqueles que trabalham. Além disso, o governo, depois de se reunir com o papa Francisco, está chamando para um diálogo. O MUD está dividido entre aqueles que querem e os que não querem dialogar, mas sempre negociaram com Maduro nos bastidores do poder.

"Queremos alertar que este 'diálogo', sob o mando do Vaticano e do imperialismo, em segredo e por trás das costas do povo, não vai trazer nada de bom para os trabalhadores e o povo", alerta a UST. É por isso que a organização chama para a preparação de uma *"greve geral para derrubar Maduro e para enfrentar o ajuste econômico que leva miséria ao povo"*.

De acordo com a UST, *"essa greve precisa ser independente dos patrões e dos partidos burgueses, e precisa fazer ouvir as propostas operárias e populares ante a catástofre"*. A nota da organização chama os trabalhadores a não terem *"nenhuma confiança nas Forças Armadas, nem na Assembleia Nacional controlada pelo MUD"*.

FUTEBOL

Adeus, Capita

Morre Carlos Alberto Torres, capitão da seleção do tricampeonato

Morreu, na manhã do dia 26 de outubro, Carlos Alberto Torres. Aos 72 anos, o Capita, como era conhecido, foi vítima de um infarte. Carlos foi lateral direito e capitão da lendária seleção de 1970, que conquistou o tricampeonato mundial no México.

O Brasil havia sido eliminado na primeira fase na Copa anterior, em 1966, na Inglaterra. E com placares vergonhosos, como a derrota por 3 a 1 para a Hungria. A Copa de 1970 também foi a primeira a ser transmitida ao vivo, no auge da Ditadura. Além disso, Capita liderava uma seleção que tinha jogadores como Pelé, Tostão, Gérson, Jairzinho e Rivelino, entre outros. Era uma responsabilidade enorme para quem tinha 25 anos na época.

O final dessa história todo mundo conhece. O Estádio Azteca, lotado, assistiu vibrante a goelada de 4 a 1 em cima da Itália. Fora o baile. Marcaram Pelé, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto, aos 41 e com uma pancada após receber o passe de Pelé, numa jogada iniciada por Clodoaldo, ainda no campo de defesa. Capita carimbou o tricampeonato brasileiro com uma jogada magistral, um exemplo de movimentação tática. Algo raro hoje em dia.

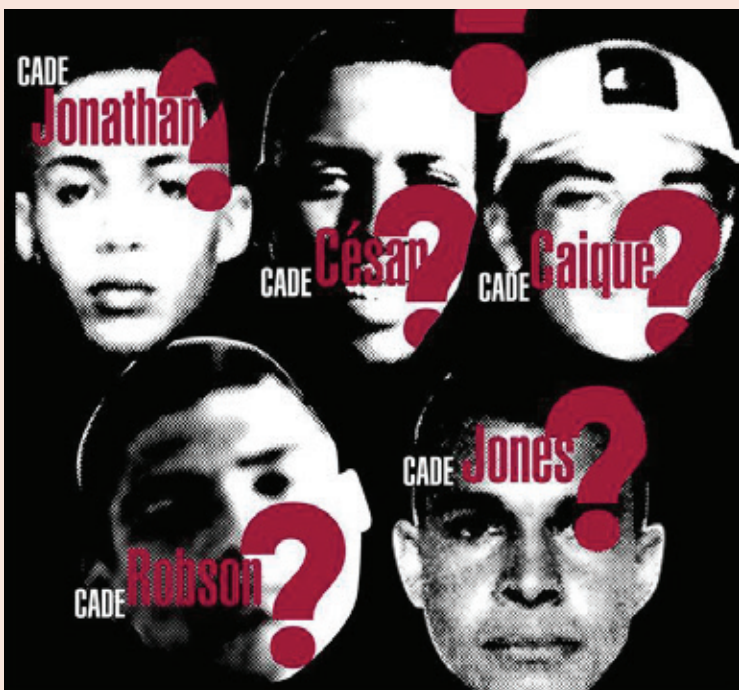
Carlos Alberto era uma pessoa de opinião firme. Não titubeava em nada. Não tinha as melhores opiniões, é verdade. É verdade também que a ditadura usou a vitória da seleção como propaganda do regime. Num episódio mais recente, declarou que Neymar deveria ter humildade e entregar a faixa de capitão – o que acabou acontecendo.

Capita começou sua carreira no Sete de Setembro, no subúrbio do Rio. Jogou também no Santos, no Fluminense, no Flamengo, no Botafogo (seu time de coração) e no New York Cosmos (EUA). Como técnico, ganhou alguns títulos por esses mesmo clubes brasileiros.

Na foto ao lado, o eterno beijo na taça Jules Rimet (roubada por uma quadrilha em 1983).

Morre o homem, mas fica o seu legado, eternizado na história do futebol mundial.

VIOLÊNCIA POLICIAL

Onde Estão os 5 Jovens da Leste?

O PSTU soma-se à campanha do grupo Mães de Maio "Onde estão os 5 Jovens da Leste?", em referência ao desaparecimento de cinco jovens negros que, em 21 de outubro, iam de carro da Zona Leste da capital para uma festa na Grande São Paulo. Indícios apontam que eles caíram numa emboscada armada por policiais. Um dos jovens chegou a enviar um áudio do seu celular para parentes avisando que estavam sendo abordados pela polícia. A grande imprensa tentou justificar o desaparecimento divulgando a ficha criminal de alguns deles. Três já cumpriram medidas socioeducativas. Um deles é cadeirante em função de ter sido alvejado 14 vezes pela própria polícia. Esse argumento é absurdo e racista. Esse fato aconteceu na mesma semana em que o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgou que a polícia brasileira mata nove pessoas por dia e 3.345 por ano. Nós do PSTU também responsabilizamos o governador Alckmin (PSDB) pelo desaparecimento dos cinco da Leste, já que ele é o chefe maior do Estado de São Paulo. Exigimos o fim da PM para frear o genocídio da juventude negra!

PODE ISSO?

PM interrompe peça que criticava truculência policial

Em Santos, no litoral paulista, a Polícia Militar interrompeu uma peça de teatro e deteve um dos atores. O episódio aconteceu no dia 30 de outubro e sem nenhum motivo justificável.

A Trupe Olho da Rua apresentava, na praça dos Andradas, um espetáculo chamdo Blitz, uma sátira da PM. Numa das cenas, tentava-se ocultar um corpo com uma bandeira do estado de São Paulo.

Ao chegar ao local, a PM deteve o ator Caio Pacheco, que foi algemado e levado para a delegacia. Celulares, instrumentos musicais e caixas de som foram apreendidos.

Segundo a assesoria da PM, a ação foi justificada, pois tratava-se de uma afronta à corporação e aos símbolos nacionais. O ator foi liberado no final da mesma noite. Os objetos foram devolvidos, exceto uma bandeira do Brasil.

TEM NOVIDADE AÍ CONHEÇA O NOVO PORTAL DO PSTU

Mais ágil, dinâmico e moderno. O PSTU lançou, no dia 25 de outubro, seu novo Portal na internet. Uma mudança dessas não é fácil. Afinal, são mais de 20 mil matérias em quase 20 anos de atuação na internet. No entanto, ela é mais do que necessária diante dos desafios que os trabalhadores e a juventude enfrentam na atual situação de crise do país.

Por isso, a nova plataforma permite uma maior visibilidade das matérias na página principal, uma leitura mais fácil dos textos e maior integração às redes sociais. Com o novo Portal você terá mais facilidade em compartilhar conteúdos nas redes sociais como Facebook e Twitter.

Também poderá ver as mais diversas reportagens e opiniões na TV PSTU, nosso canal do YouTube. O Portal tem um novo sistema de busca mais eficiente que permite localizar mais facilmente determinados materiais como as séries e os especiais.

Notícias sobre mobilizações da juventude, do movimento operário e assuntos como mulheres, negros, LGBTs tem seu destaque garantido no novo Portal.

Entre no Portal do PSTU e confira. Queremos saber o que você achou e suas sugestões para melhorarmos ainda mais. Conte para a gente! E se você quer escrever para o Portal, dar notícias das lutas da sua região ou categoria, envie-nos para **opiniao@pstu.org.br** ou pelo WhatsApp **(11) 9.4101-1917**

OPINIÃO SOCIALISTA na palma da sua mão

Outra novidade Portal é que você vai poder acessar com muito mais facilidade o Opinião Socialista e ler integralmente todas as páginas do jornal.

Veja do seu CELULAR

O Portal do PSTU está de roupa nova também no seu celular. Agora você pode acessar as matérias de maneira mais fácil e rápida. Confira!

WWW.PSTU.ORG.BR